Evangelho segundo São Marcos

Um Caminho Quaresmal

UM CAMINHO QUARESMAL:
DE DESERTO PARA O CALVÁRIO

Um Itinerário quaresmal com Jesus, Filho de Deus (Evangelho de Marcos)

Iremos percorrer este tempo quaresmal 2018 lendo e meditando o Evangelho de São Marcos (já que estamos no ano B), do deserto para o Calvário. Dividiremos este itinerário espiritual em 5 etapas, correspondentes a cinco semanas da quaresma. Lembramos que é necessário ler e meditar o Evangelho na sua integridade para contemplar melhor os mistérios divinos.

Na *primeira semana* permaneceremos no **deserto** com Jesus, na *segunda semana*, meditaremos **as incompreensões e discussões (as controvérsias)** que Jesus enfrentou da parte das autoridades religiosas e civis, dos próprios discípulos e até dos próprios familiares. Na *terceira semana* meditaremos sobre **o segredo messiânico** que o Evangelho de Marcos procura levar para frente de início até final, como tema principal do seu Evangelho. Um Jesus que quis manter o seu "segredo de ser Filho de Deus" do início até final da sua missão. Na *quarta semana* vamos contemplar **a manifestação de Jesus, Filho de Deus no Monte Tabor** *e na quinta semana*, **a paixão, morte e ressurreição** de Jesus.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de Marcos, foi escrito logo no início da missão dos apóstolos, e por isso, num contexto em que os judeus cristãos estavam sofrendo por causa da fé, em Jerusalém da parte das autoridades religiosas e a Roma, da parte dos imperadores pagãos.

De fato, a Roma já tinha explodidas as persecuções contra judeu-cristãos nos anos 40 e de consequência muitos cristãos foram vítimas da morte inclusive Pedro e Paulo que aconteceu entre os anos 64 e 67, durante o tempo de imperador Nero. E não faltavam também as dificuldades dentro das comunidades dos fiéis como nos atestam os Atos dos Apóstolos.

Neste contexto de tentações, provações e dificuldades, o Evangelista quer fortalecer a fé do povo dizendo: Jesus, o Filho de Deus também passou a mesma situação: Como ele superou tudo com a força da Palavra, como ele quis manter fiel diante das controvérsias dos judeus e dos herodianos, e até mesmo da parte dos próprios discípulos e familiares, assim nós também devemos enfrenta-las e superá-las.

Jesus quis manter em segredo a sua missão salvífica e por isso muitos não o entenderam e quiseram mata-lo. Mas “ele verdadeiramente é o Filho de Deus”, assim como foi anunciado por Centurião, o pagão, debaixo da cruz! Agora é a nossa vez de testemunhar a fé que recebemos.

INICIO DO EVANGELHO

A experiência do deserto: jejum, abstinência e oração, esmola; As Tentações diabólicas e a assistência dos anjos.

Deserto:

O Evangelho de Marcos inicia no deserto (diferente dos outros Evangelhos que começam com o nascimento e a infância de Jesus). Seja João Batista que Jesus **iniciam suas atividades no deserto**. João se apresenta como "a voz que clama no deserto" (Mc 1,3).

E Jesus, após o Batismo no Rio Jordão, vai para o deserto. Diz o Evangelho: "E logo o Espírito o impeliu para o deserto e aí esteve quarenta dias". (Mc 1, 12)

A vida no deserto é caracterizada por: **vida austera, o jejum e a abstinência, a oração, a companhia dos animais selvagens, as tentações diabólicas e a assistência dos anjos.**

A vida austera: "João andava vestido de pêlo de camelo e trazia um cinto de couro em volta dos rins, e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre." (Mc 1, 6).

Jesus, tinha **a companhia dos animais selvagens (Mc 1,13).**

O jejum e a Abstinência *durante a quaresma*[1]*:*

[1] o dilúvio durou 40 dias (Gen 7,4):
► Moises permaneceu no Monte Sinai 40 dias e 40 noites (Ex 24,18);
► O Povo de Deus anda no deserto por 40 anos (Js 5,6);

João Batista alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre." (Mc 1, 6). Jesus segundo o Evangelho de Mateus "jejuou quarenta dias e quarenta noites. Depois teve fome" (Mt 4,2) e Lucas fala: "Durante este tempo ele nada comeu e terminados estes dias, teve fome" (Lc 4, 2).

Sentido escatológico de jejum e abstinência: Vamos abrir aqui um parêntese para falar sobre *o jejum e abstinência cristã*. Jesus faz um comentário a respeito do Jejum no capítulo segundo de Marcos: E isto diante das polémicas dos fariseus que criticaram Jesus e os apóstolos que não faziam jejum como os discípulos de João (2, 18-20) e andaram pelos campos colhendo e comendo as espigas no dia de sábado (vv.23-28). No primeiro caso Jesus fala do esposo: "Enquanto o esposo estiver com eles não precisam jejuar, vai chegar o dia em que o esposo vai ser tirado e então jejuarão". Aquele dia é a sexta feira santa para os cristãos e jejuamos neste dia lembrando da paixão e da morte de Jesus.

Os judeus, na verdade, tinham a prescrição de fazer o jejum uma vez por ano, no dia da expiação, no dia de perdão (a festa do Yom kippur) (Lv 16,29-34). Mas com o passar do tempo introduzir-se a tradição de fazer jejum

---

► O caminho de Elias para o Monte Horeb durou 40 dias e 40 noites (1 Re 19,8);

► A penitência do povo de Nínive é de 40 dias. (Jn 8);

► No NT Mc 1,13 narra que Jesus permanece por 40 dias e 40 noites no deserto.

Para todos estes personagens o número 40 era tempo de purificação e de penitência. Era tempo de preparação para a manifestação de Deus. Para nós também é tempo de preparação para a adoração da cruz e para a Ressurreição de Cristo. (Cfr. José Aldazábal "Quaresima, mistagogia della Pasqua" in "Il cammino della Pasqua", Libreria Editrice Vaticana).

espontâneo duas vezes por semana: na segunda e quinta. E era costume para os judeus neste dia: não comer, não beber, não ungir o corpo com óleos perfumados, não lavar-se e perfumar-se, não vestir-se de sandálias de couro e não ter relacionamentos sexuais.

Jesus não era contrário a estes costumes, contudo que o fizessem sem ostentação (Mt 6,16-18). E os cristãos começaram a fazê-los mais tarde nas quartas e sextas feiras para diferenciar da hipocrisia dos judeus.

Falando do jejum do sábado Jesus usa o exemplo de Davi e companheiros que comeram o pão consagrado destinado somente para os sacerdotes quando tiveram fome (1Sam 21,2-10). O sumo sacerdote de então Aquimelec perguntou a Davi como única condição para comer o pão consagrado: se todos eram puros, *se tinham abstinência com as mulheres*. Era costume os homens fizessem abstinência quando iam para guerra[2].

Quando falamos da prática da *abstinência da carne* durante a quaresma ou no dia de jejum, logo pensamos de não comer carne vermelha. Mas na verdade, seja entre os judeus que nas outras religiões como hinduísmo, Islam, a abstinência tem um significado muito profundo: é abster-se de todos os prazeres da carne e em especial de abstinência sexual. E o pão consagrado era destinado para o sumo sacerdote exatamente porque vivia na continência.

Para os primeiros cristãos, comer o pão consagrado, era antecipar aqui na terra o pão dos anjos. E por isso em preparação à sagrada Comunhão a abstinência da carne, a abstinência da vida sexual era uma forma de entender as palavras de Jesus: “na ressurreição, nem eles se casam e

[2] Nota Rodapé 1Sam 21 f. Bíblia de Jerusalém.

nem elas se dão em casamento, mas são todos como anjos no céu" (Mt 22,30). Ou seja, a quaresma, o jejum e a abstinência tem o caráter escatológico além de seu caráter penitencial. Antecipar aqui na terra a vivencia da eternidade. Unir-se totalmente com Cristo. Para nós religiosas praticar o jejum e a abstinência é, em primeiro lugar, confessarmos mais uma vez a vida escatológica vivenciada aqui na terra. E a adoração eucarística é inevitável neste dia, pois a contemplação do esposo é que preenche a fome e a sede deste mundo.

A experiência do deserto, a comunhão profunda com Deus automaticamente fazia com que os santos homens se privassem do alimento, de abster-se de todos os prazeres da carne e do mundo. Em poucas palavras o jejum e a abstinência são meios ou expressões de *desapego das coisas da terra e apego com as coisas do céu*[3]. Não porque o alimento não seja bom, não porque a vida sexual não seja sagrada ou seja pecado, mas a comunhão total com Cristo faz tornar secundário o resto das coisas do mundo que passam. De fato, ainda que jejuamos da carne e das coisas do mundo que passam, o cristão não jejua do pão dos anjos, da eucaristia. O único dia em que jejuamos da celebração eucarística é a Sexta feira Santa, dia em que foi tirado o esposo.

Jesus faz o deserto no início, no meio e no final da sua missão[4]: Começa suas atividades no *deserto*

[3] A oração à São Francisco que fazemos cada manhã: "pelo exemplo de São Francisco despegar-nos das coisas da terra para gozar com ele dos bens do céu".

[4] A nossa vida religiosa é espelho desta experiência de Jesus e de São Francisco no deserto: No início temos o noviciado, a primeira experiência do deserto. Na vida cotidiana temos a meditação pessoal para descansarmos cada dia um pouco com ele e, no final da vida, quando a doença e velhice nos visitar, quando as críticas,

passando 40 dias em oração e jejum (Mc 1,12-13)[5]; no meio das atividades, quando os discípulos voltaram das missões Jesus lhes disse: "Vinde, vós, *sozinhos, a um lugar deserto* e descansai um pouco. Com efeito, os que chegavam e os que partiram eram tantos que não tinham tempo nem de comer (Mc 6,31)[6]. E nos momentos preparativos de grande missão de novo Jesus chama os seus discípulos para passar com ele em oração e em silencio como *no Monte Tabor* (Mc 9 2-8)[7] e antes de ir para o tálamo nupcial da cruz *no Monte das Oliveiras*.

As tentações diabólicas: No deserto, durante quarenta dias, não faltaram à Jesus as tentações diabólicas, como outrora à Israel durante 40 anos (Dt 8, 2-4; Nm 14, 34), mas em contrapartida teve o conforto e o auxílio dos anjos **(**Mc 1,13).

No primeiro domingo da Quaresma todos os anos escutamos como Jesus enfrentou as tentações durante

---

julgamentos e isolamentos chegar, quando após ter dado tudo para a Igreja, para Instituto, para os pobres, encontrar-se sozinha, então é necessário passar pelo monte das Oliveiras. Pode parecer que o cálice é maior para beber, mas o conforto do anjo estará aí conosco. "O cálice por
nós abençoado é a nossa comunhão com o sangue do Senhor" (Sl 115) .

[5] Orações matinais e a experiência do noviciado.

[6] As meditações cotidianas das nossas comunidades são momentos para descansar com Jesus.

[7] Na vida religiosa todas as vezes que temos que assumir um compromisso maior, uma responsabilidade, é necessário que passemos por uma experiência de Tabor, retirar-se sobre uma alta montanha e escutar a voz do Pai.

quarenta dias. O Evangelista Marcos limita apenas falando de tentação: "ele esteve 40 dias no deserto, sendo tentado por Satanás" (1,13). Mas Mateus e Lucas nos trazem os detalhes destas tentações. Lucas termina falando: "após estes dias o diabo deixou Jesus até o tempo oportuno" e vai aparecer de novo no monte das Oliveiras (cf. Lc 22, 3.40 e debaixo da cruz Mt 27,40).

As três tentações são resumos de todos os pecados de todas as pessoas de todos os tempos e lugares.

Primeiramente o diabo tenta tocar na identidade e na vocação de Jesus: Jesus saiu do Jordão escutando a voz do Pai: "**Tu és meu Filho muito amado**". Deus Pai é feliz por seu Filho escolhido. Ele, pela primeira vez em público, vem apresentado como protagonista. E o diabo o tenta em primeiro lugar colocando em questão a sua identidade, a sua vocação: "*Se tu és o Filho de Deus".*

Já no primeiro dia de missão (Mc 1), eis que aparece o diabo gritando: "*sei quem és tu, o Santo de Deus*" e isto dentro do contexto do primeiro milagre que Jesus fez em Cafarnaum, a cura de um endemoninhado (Mc 1,21-28). Tal tentação continuou até a Cruz: "*Se és Filho de Deus desce da cruz!* Mt 27,40.

O demônio não suporta ver-nos perseverantes, ele vem mexer conosco, exatamente colocando-nos lá no alto, procurando todo tipo de publicidade e elogio. Por isso que Jesus nos recomenda no Evangelho da quarta feira de cinzas: *cuidai, guardai de não praticar nada para ser visto pelos homens, mas pelo Pai que vê tudo em segredo e ele te recompensará* (cf. Mt 6,3.618).

E ainda, após de "ser chamado Filho muito amado" o Espírito conduz Jesus para o deserto, onde precisou enfrentar e lutar com as tentações. Na oração do Pai Nosso nós rezamos: "Não nos deixeis cair em tentação".

1ª tentação: Resolver tudo *rápido e de forma mágica* em nome de seu título "Filho de Deus": Satanás quer que Jesus explore, aproveite o seu título de "filho de Deus" para transformar a pedra em pão[8] (o exercício da fé como se fosse uma realização dos milagres, de magia, como realização dos sonhos e ilusões, manipulando assim a sua divindade).

É uma das tentações que invadiu o mundo religioso e sacerdotal: Até quando recebemos uma vocação, um envio, um encargo a favor do povo somos santos e santas. Depois que vêm as tentações: O nosso título, o nosso hábito, a nossa identidade e tudo o que foi nos dado como espaço para a realização desta vocação podem tornar lugar de tentações. Quantas vocações perdidas, assim. Tudo o que deixamos (os pais, a família, os estudos, o dinheiro, a posse, o titulo etc.) começa a retomar em forma rápida e mágica e isso na maioria das vezes a custo dos pobres dizimistas. Na verdade, as tentações são espaços para mostrar a nossa identidade, a nossa perseverança e a nossa liberdade; para manifestar a nossa capacidade de enfrentar os desafios com maturidade e nunca para fugir delas ou gloriarmos de não ter nunca caído nelas.

[8] Os Israelitas aprenderam no deserto que o homem não vive somente de pão, mas é necessário para a sobrevivência o Pão descido do céu, o maná e a Palavra recebida no monte Sinai e estes foram a lâmpada em todos os seus passos no deserto.

2ª tentação: Exercitar o poder em nome do título "Filho de Deus": Tu tens o título, pode até atirar-te para baixo, alguém vai te segurar, ou seja, todo mundo vai te bajular, vai colocar-se ao teu serviço e tu vai dominar outros colocando-os debaixo de teus pés. É a tentação de quem recebe o poder.

3ª tentação: "O demônio transportou-o uma vez mais, a um monte muito alto, e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-lhe: Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares. Respondeu-lhe Jesus: Para trás, Satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás" (Dt 6,13. Mt 4,8-10).

Adquirir os bens, a riqueza e o poder adorando satanás, à Mentira: Queres possuir, queres a riqueza, dinheiro, bens? Passa por um instante a tua verdade, a tua integridade a tua divindade para Satanás considerando ele maior, adorando-o, obedecendo-o. Em poucas palavras, obedecer à Mentira para ganhar o poder, a riqueza e os bens materiais, para ser o príncipe deste mundo (Jo12,31;14,30).

Quem entra no mundo político tem sua linguagem de mentira e se alguém quer viver diferente, quer servir o povo na integridade e na fidelidade, não seria possível se não criando inimigos ao redor. Não é tão pouco raro, infelizmente, isso até dentro da igreja, nos serviços eclesiásticos e nos âmbitos religiosos. Ou submeter-se à estrutura que já existe, ou tornar-se um revolucionário não agradável, um insuportável!

Segundo os Padres da Igreja, Lúcifer, a estrela d'alva, pelo seu orgulho, caiu do céu, foi precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo e assim tornou-se o príncipe dos demônios (cf. Is 14, 11-15). E agora, Satanás quer retomar de Jesus o que ele perdeu, o seu trono, quer ser adorado pelo menos por um instante por Jesus. São Francisco, sem sonhar nada deste mundo, sem desejar coisas grandiosas, somente querendo ser o mais humilde e o mais pobre deste mundo ganhou aquele trono que Lúcifer perdeu, conforme a visão que teve Frei Pacífico:

E os anjos o serviam: E no meio das tribulações e feras "**os anjos o serviam**" (Mc 1,13) e lá no monte das Oliveiras também, enquanto o silêncio e a solidão invadiu ao seu redor, os dominadores deste mundo quando tomaram conta dele, enquanto satanás entrou no coração de Judas e lhe entregou beijando, "apareceu um anjo do céu, para lhe confortar" (Lc 22,43). Jesus enfrentou Satanás, não fugiu. Ele não é mercenário que abandona e foge quando vê o lobo se aproximar, mas é aquele bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. E ninguém a tira dele, mas ele a entrega livremente, ele tem o poder de entregá-la e o poder de retomá-la (cf. Jo 10, 11-18). Quando necessitar, Deus lhe envia os seus anjos para cuidar e confortar.

Estamos no início da Quaresma e a Igreja nos convida, através da leitura dominical da primeira semana, a fazer parte desta mesma experiência do deserto. A

oração, o jejum e a abstinência fizeram parte da vida de João Batista, de Jesus e de Francisco no deserto. E o Evangelho da Quarta feira de cinza nos falou também como deve ser praticado a tríade das obras de piedade judaica: **esmola, oração e jejum:** não para ser visto e elogiado pelos homens, mas **pelo Pai que nos vê no segredo**.

Até aqui falamos bastante sobre a oração e o jejum. Vamos lembrar também rapidamente sobre o exercício da esmola.

A esmola: é uma das obras de misericórdia em todas as religiões.

No pensamento **judaico,** a esmola *(Tzedakah)* tem sentido, mais que fazer caridade no sentido religioso, é um modo de ser, mais que oferecer ou dar **é exercitar a justiça;** é expressão de fé piedosa diante do sofrimento do outro. *Viver de modo justo na relação com as pessoas; é um gesto de solidariedade e justiça.* Fazer esmola, fazer justiça é melhor que dar esmola.

Para **os muçulmanos** a esmola (*Zakat)* é um dos cinco pilares do Islã. É obrigatório para os muçulmanos uma vez por ano fazer Zakat aqueles que possuam meios suficientes para distribuir uma porcentagem calculada aos pobres e necessitados. Aqueles que tiveram a sorte de beneficiar da sua riqueza devem por sua vez apoiar os membros mais desfavorecidos da comunidade muçulmana (a umma). O não pagamento do zakat é entendido como um pecado que será julgado no Dia do Juízo Final. Este tributo é também visto como uma forma de purificação do crente.

Assim também para **o Hindu:** Vão para Shabarimala, monte sagrado dele, fazendo jejum, abstinência, oração e esmola por 40 dias.

Jesus recomendou aos judeus: pratiquem a vossa justiça (dar esmola) "não para ser visto ou elogiado pelos homens, mas pelo Pai que vê em segredo" (Mt 6,1-4).

"Vendei o que possuís e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não se corroem, um tesouro inesgotável nos céus, aonde não chega o ladrão e a traça não o destrói" (Lc 12, 33). (cf. Dt 15,7-10; Prov 19,17; Lc 16,9; Is 8, 6-11; At 10, 30-31). Todos estes textos nos mostram que devemos dar a esmola com vontade e misericórdia e não por obrigação.

Vamos tentar fazer o deserto no meio da cidade, no meio do trabalho e no meio da multidão, na escuridão, no silêncio, na cama e onde estivermos como o fez são Francisco, exercitando as virtudes do jejum, da oração e da esmola (*restaurando relacionamentos como "a mãe ama e nutre seu filho*"), não para ser visto pelos homens, mas pelo Pai que vê em segredo. As tentações hão de vir, mas não faltará a consolação divina.

SEGUNDA PARTE:
AS ACUSAÇÕES E CONTROVÉRSIAS A RESPEITO DE JESUS

São Marcos, o Evangelista, nos apresenta Jesus passando primeiro pela Galiléia (cap. 2-10) e depois por Jerusalém (11-16) ensinando e fazendo milagres, mas ao mesmo tempo ele enfrenta de todos os lados à

incompreensão, a hostilidade e as acusações. São Francisco faz a mesma experiência.

Antes de iniciar as controvérsias, vamos dar uma olhada nos primeiros dois capítulos:

PREPARAÇÃO AO MINISTÉRIO PÚBLICO

Primeiro anúncio: convertei-vos e credes no Evangelho: Jesus já começa sua missão anunciando: convertei-vos e credes no Evangelho (Mc 2, 15). A nossa quaresma começou com a mesma exortação da Igreja na quarta feira de cinza quando fomos assinalados com as cinzas "convertei-vos e crede no Evangelho:.

Segue a vocação dos primeiros quatro discípulos (1,16-20) Jesus vai visitar a casa de Pedro (vv. 29-31). Logo após tem a escolha de Mateus, Jesus passa no seu trabalho e o chama (2,13-14) e em seguida diz o Evangelho, os outros "deixaram tudo e o seguiram" e, ele escolheu os que ele quis, e eles foram até ele (3,13) e assim os 12 apóstolos. A forma de vida deles era: "ficar com Jesus e serem enviados por ele a pregar e tinham a autoridade para expulsar os demônios" (3,16).

Começam as missões e começam também enfrentar os desafios:

PRIMEIRA SEÇÃO:
MINISTÉRIO DE JESUS NA GALILÉIA cap. 1-8

Desentendimentos e controvérsias na Galiléia:

Jesus apenas começa sua missão e eis aqui o desentendimento por parte dos fariseus e escribas. Desde o primeiro dia, exatamente desde o primeiro milagre até o último dia de sua vida terrena existiam os adversários, aqueles que ficavam de olho em Jesus, que eram do seu povo, aqueles que havia autoridade, aqueles que comeram e beberam com ele, mas não o entenderam e o acusaram e, os demais que se diziam seus amigos na hora do sofrimento da cruz fugiram, mas Jesus permanece fiel até a morte. Quem o reconhece são os estrangeiros e os pagãos.

Temos já nos capítulos 2,1-3, 6 2 **cinco discussões contra Jesus (5 controvérsias):** Jesus torna-se motivo de escândalo e merecedor da morte.

1. **Na cura de um paralítico:** "ora alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: "Por que está falando assim? Ele blasfema! (2,6-9 :1ª controvérsia);

2,6-9: A primeira controvérsia, a primeira polémica acontece na cura de um paralítico Mc 2, 1-12. Jesus estava numa casa e algumas pessoas chegam lá com um paralítico e não tendo como entrar em casa por causa da tanta gente abriram o teto, tendo feito um buraco, baixaram o leito e fizeram descer o paralítico com sua cama. Jesus vendo sua fé (a fé daqueles 4 homens que carregaram a cama) disse: teus pecados são perdoados. O homem era um paralítico e Jesus não fala logo levanta-te, mas fala" te são perdoados os pecados". Pois segundo a mentalidade judaica as doenças eram consequências do pecado, os pecados próprios ou dos antepassados. (Lembramos de Cego de nascença: Os

discípulos perguntaram a Jesus: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais para que nascesse cego? E Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus” (Jo 9,3). E assim era a mentalidade).

Então vendo a fé daqueles quatro homens Jesus disse: te são perdoados os pecados. Os Escribas (que eram os mestres da Lei, os estudiosos da Sagrada Escritura) que estavam lá julgando dentro de si Jesus porque para eles era uma blasfémia o que Jesus fez: Pois só Deus pode perdoar os perdoar os pecados. E Jesus percebendo os pensamentos íntimos deles fala: “O Filho do homem pode perdoar os pecados”. É mais fácil a cura física que a cura espiritual. Jesus primeiro cura o espiritual, faz a intervenção sobrenatural e depois a cura física.

Em vez de alegrar-se pela cura total, pela redenção do homem, pelo bem que aconteceu, ficam criticando pelo ato ou palavra de Jesus. Em vez de alegrar-se pelo bom fruto do trabalho, pela disponibilidade e generosidade para fazer o bem, pela doação de si por causa de um bem maior, ficam criticando e julgando por uma palavra, por um gesto, ou até pela ordem em que foi feito, primeiro ou depois. Mas Jesus não desiste. Continua fazendo o bem, pois para ele o que importa é acontecer o Reino de Deus, a redenção de cada pessoa!

Quando o Paralítico se levantou muita gente que estava lá glorificaram Deus dizendo: “Nunca vimos coisa igual”, mas os Mestres da Lei que não conseguiram suportar. Diante de um bem feito, muita gente vai ter proveito e vai glorificar a Deus, poucas pessoas, talvez aqueles que estão na autoridade, ou tem apenas algo de autoridade, só por nome, que vão sentir-se pessoas importantes, capazes de julgar os outros.

2. **Jesus sentou com os pecadores na casa de Davi (2,13-17)** "Que? Ele come com os publicanos e pecadores?";

Ele sentou-se com os pecadores na casa de Levi (2,13-17). Jesus estava lá na casa de Levi, porque no dia anterior ele tinha passado no seu trabalho e falou com ele de segui-lo e ele já tinha tornado um dos discípulos de Jesus, que é o Mateus (Mt 9,9). Os Escribas não sabiam disso. Para eles Levi continua sendo um pecador, devido ao trabalho que ele fazia: ele era o coletor dos impostos, trabalhava para o império romano e, para os judeus aqueles que trabalham para os pagãos e para os estrangeiros eram também os pecadores públicos. E por isso questionaram, e não quiseram falar diretamente com Jesus, dirigiram aos seus discípulos e disseram: "porque o vosso mestre come com os publicanos e pecadores? Jesus ouvindo isso respondeu-lhes: "não são os que tem saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores" v. 17.

3. **Jesus e seus discípulos não** jejuaram e ele comparou a sua presença como a presença do "esposo", e chega aí o ataque: "Porque todo mundo faz jejum, e vocês não?" (vv.18-22);

4. **Porque não obedeceu ao costume dos judeus**, o repouso sabático (vv. 23-28): "Vê, como fazem eles o que não é permitido fazer no sábado?" (v. 24);

5. **A cura do homem com a mão atrofiada (3, 1-6).** "Porque não obedeceu ao costume dos judeus, o repouso sabático"? Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam (v. 6).

A causa das duas primeiras controvérsias tem relação com os pecadores; O primeiro e o último acontecem dentro de dois milagres que Jesus faz (cura de um paralítico 2,1-12; cura do homem com a mão atrofiada cap. 3). As últimas duas porque Jesus não obedeceu ao costume e a tradição dos judeus, o repouso sabático e a terceira, no meio, porque Jesus falou da presença messiânica do esposo.

TERCEIRA, QUARTA E QUINTA CONTROVÉRSIAS (c.2): Os debates sobre jejum no dia de sábado. Temos aqui três episódios: O primeiro, porque Jesus e seus discípulos não jejuaram no dia de sábado e chega aí o ataque dos fariseus: "Porque todo mundo faz jejum, e vocês não?" (Mc 2,18-22); o segundo, no dia de sábado não podia trabalhar e os discípulos arrancaram as espigas. Assim eles não obedeceram aos costumes dos judeus, o repouso sabático (vv. 23-28); e o terceiro, a cura do homem com a mão atrofiada (3, 1-6) E a polêmica foi "Porque não obedeceu ao costume dos judeus, o repouso sabático"? Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam (Mc 3,6).

E Jesus, primeiro dá uma explicação sobre o sentido de jejum (que falamos já na meditação da primeira semana) e depois conclui: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado". No princípio da criação (Gen1), Deus criou tudo durante

seis dias e no sétimo dia Deus o santificou e descansou (Gen 2,3). Sábado é para santificação e para repouso. A santificação de Deus acontece quando todos os homens se amam e reconhecem Deus como seu senhor. O sábado é para amar o próximo. Infelizmente os fariseus ignoravam o próximo. A perfeição da lei, de fato, é o amor, o resgate da pessoa, e podemos nos descansar tranquilamente quando todos os homens se amam e se respeitam mutuamente e quando todos os homens não teriam mais medo do barulho dos passos de Deus, mas esperam passear com ele na brisa da tarde. Isso é repouso sabático: A comunhão profunda com Deus e com os irmãos.

Quantas vezes damos mais importância à lei que à pessoa. Não porque não devemos obedecer às leis, as tradições e os costumes da Igreja, do Instituto etc. mas porque muitas nossas leis são transformações em tempo de algum ato ou seja, no início era uma prática que convinha naquela ocasião, mas com tempo, de tanto praticar virou numa lei indispensável, mas no princípio não era assim, não era este o intuito daquele ato. É como aquela história que ouvimos:

Num mosteiro apareceu um gato. E um dos monges que tinha pena deste gato foi dar-lhe um pouco de leite e quando foram rezar o gato acompanhou as orações estando ao lado fora da capela. Os monges acharam graça. E no segundo dia aconteceu a mesma coisa e assim no terceiro dia e em modo que todos os dias se tornou um costume naquele convento aparecer o

gato antes da oração, um dos monges dava o leite primeiro ao gato e depois todos vão para a oração. Passando o tempo, os monges antigos morreram, chegaram os novados e o gato continua seu ritmo. Um certo dia, morreu este gato. Aí os monges novos que não sabiam a história antiga, foram comprar um gato na aldeia vizinha, porque pensaram que era obrigatório dar leite ao gato antes da oração. Assim foi passando tempo. Um dia chegou um monge que tinha a alergia de pêlo de gato e aí não suportando a situação pediu caridosamente que tirasse o gato do meio. Apareceu uma grande polêmica no meio deles, pois alguém não conseguia mais rezar sem dar leite ao gato.

Segue as calúnias dos Escribas (3, 22-30) dizendo que ele estava possuído de demônios.

Os familiares pensam que Jesus enlouqueceu (3, 20) e até a Mãe de Jesus vai atrás dele preocupada (3, 31).

O Capítulo 4 é o livrinho dos ensinos de Jesus através das parábolas junto ao mar (4,1-34) e o capítulo 5 é o livrinho dos milagres junto ao mar (4,35-5,43).

CAPÍTULOS DE 3 A 5 DE SÃO MARCOS: Jesus vive entre os amigos e inimigos, entre os adoradores e crucificadores. Após a cura do homem com a mão atrofiada, embora os fariseus com os herodianos estavam conspirando contra Jesus sobre como o destruiriam (3,6) podemos ver que Jesus está sendo seguido por uma grande multidão querendo tocá-lo e receber as curas físicas. E Jesus, no meio destes sucessos,

escolhe os Doze apóstolos, e em seguida, temos a figura de Jesus como um mestre, sentado, como quem tem autoridade, ensinando a grande multidão através as parábolas, e vai, de um lado da cidade para outra, fazendo milagres e uma grande multidão escutando o Mestre e o seguindo por onde ele vá. (5, 21ss)

Logo depois, os parentes de Jesus vêm busca-lo porque pensaram que Jesus estava louco (3, 20) e até a Mãe de Jesus vai atrás dele preocupada (3, 31). Após a cura de endemoninhado geraseno os habitantes mandam Jesus ir embora daquele território (5,17) e enfim, os escribas pensam e falam que Jesus está possuído de demônios, por Beelsebu, o príncipe de demônio. Jesus, sem preocupar-se dos comentários dos outros continua fazendo sua missão e a multidão seguindo ele. Algumas vezes basta tocar nele, ou na beira da sua roupa, já fica curado como no caso da cura da mulher hemorroíssa (5, 21-34). E outras vezes ficam comentando: "ele fala bem, de onde vem toda esta sabedoria? Ele não é filho de carpinteiro, de família pobre e simples, de onde vem toda essa capacidade? Ou seja, comparam com os familiares e história dos antepassados para dizer que embora este faz tudo isso agente sabe de onde ele vem. O pai era assim, a mãe era assim. Etc.

OS MILAGRES E AS PARÁBOLAS

Antes de entrar na semana santa, nesta quinta semana vamos percorrer meditando alguns milagres realizados por Jesus segundo Evangelho de Marcos. Marcos

enfatiza mais os milagres de Cristo do que seus sermões. Em cada capítulo do evangelho há pelos menos o registro de um milagre.

Podemos encontrar 18 milagres narrados no Evangelho de Marcos e através estes, São Marcos quer mostrar aos judeus cristãos de Roma, que Jesus é o Filho de Deus, que ama e resgata a vida da humanidade, ainda que ninguém o aceitasse. O Jesus do Evangelho de Marcos é um taumaturgo, um Jesus que faz suas atividades com muito zelo e entusiasmo pensando no resgate das pessoas. No Antigo Testamento a figura de Messias é apresentada como aquele que resgata a pessoa humana, aquele que tem o poder sobre todos e todas. E os milagres em Marcos mostram o poder de Jesus sobre a natureza, sobre as doenças das pessoas, sobre a morte e sobre assuntos sobrenaturais. Já no primeiro dia da sua missão em Cafarnaum Jesus faz muitos milagres e de capítulo 4,35 a c.5 é chamado o "Livrinho dos Milagres" , onde apresentam quatro milagres de cada um destes tipos: A tempestade acalmada Mc 4, 35-41(Jesus como dominador dos elementos naturais), o endemoninhado geraseno Mc 5, 1- 20 (o poder de Jesus sobre os demônios, o poder sobrenatural), a cura da mulher hemorroíssa Mc 5,25-34 (o poder de Jesus sobre as doenças) e a ressurreição da filha de Jairo Mc 5, 21-24.35-43 (o poder sobre a morte). Assim temos em todo o Evangelho 9 milagres como cura das doenças, 5 milagres sobre a natureza e 4 sobre os demônios:

PODER-AUTORIDADE SOBRE O NATURAL –as doenças do Homem
1. Cura da Sogra de Pedro (1,29-31)
2. Cura de um Leproso (1,40-45)
3. Cura de um paralítico (2,3-12)
4. Cura de um homem de mão ressequida (3,1-5)
5. Cura da mulher com hemorragia (5,25-34)
6. Cura do surdo-gago (7,31-37)
7. Cura de um cego (8,22-26)
8. Cura do cego Bartimeu (Mc,10.46-52)

PODER-AUTORIDADE SOBRE A NATUREZA
9. Acalmou a tempestade (Mc, 4.35-41)
10. Multiplicação dos Pães (6, 34-44)
11. Caminhou sobre as Águas (6, 45-52)
12. Multiplicação dos Pães (8, 1-9)
13. Figueira Amaldiçoada (11,12-14)

PODER-AUTORIDADE SOBRE O SOBRENATURAL, sobre os demônios.
14. Libertação de um endemoninhado na Sinagoga (1,23-28)
15. Libertação dos demônios gerasenos (5,1-20)
16. Libertação da filha de Siro-fenicia (7,24-30)
17. Libertação de um endemoninhado epilético (9,14-29)
PODER SOBRE A MORTE:
18. Ressurreição da Filha de Jairo (5,22-24; 35-43)
Durante esta semana meditaremos sobre alguns destes

milagres.

O PODER DE JESUS SOBRE OS DEMÔNIOS NO EVANGELHO DE MARCOS

Como já falamos temos no Evangelho de Marcos quatro episódios onde mostra o poder de Jesus sobre os endemoninhados: o primeiro (a cura de um endemoninhado que se encontrava na sinagoga (Mc 1, 21-28) e o último (o endemoninhado epilético (9,14-29) acontecem no território dos judeus; o segundo e o terceiro acontecem na região dos pagãos, (o endemoninhado geraseno (5,1-20) e a filha da mulher siro-fenicia (7,24-30).

Se foi o demônio que afastou o homem, da presença de Deus, no jardim de Eden, se foi o mesmo demônio que se apresentou no deserto como tentador, aquele mesmo demônio aparece ao longo da sua missão também. E a luta de Jesus contra o demônio dentro e fora do território judaico mostra a redenção universal operada por ele é para todos, para os judeus e gentis. Seja os judeus que os pagãos estavam com espíritos impuros, sem Deus. Jesus redimiu os dois povos e isso motiva os primeiros cristãos para acolher a todos sem distinção de proveniência.

Nestes quatros episódios podemos ver a mesma estruturação:

Apenas ao ver Jesus o demônio se apresenta como se um conhecedor antigo: “eu sei quem és tu, o santo de Israel” (Mc 1,24); de longe, corre e prostra diante dele

clamando em alta voz: “Jesus filho do Deus Altíssimo” (5,6); e no quarto episódio ele aparece já como conhecedor “surdo-mudo” (9, 25-26).

E Jesus o conjura severamente: “cala-te e sai dele” (1,25; 5,8) e no terceiro Jesus faz uma cura a distancia (pois os judeus não podiam entrar na casa dos pagãos) e no quarto episódio Jesus comanda: “sai deste homem e nunca mais entre nele (9, 25).

No primeiro e último episódio, que acontecem dentro do território judaico, o demônio sai violentamente gritando e sacudindo a pessoa (1, 26; 9,26) e no segundo episódio o espírito impuro aparece como uma legião e eles tem um diálogo de quase amizade com Jesus, “não nos mande embora desta região, deixe nos entrar nos porcos (5, 10) e Jesus os deixa fazer a vontade deles. E eles entram nos porcos e estes se afogam no mar. É interessante este fato, pois para os judeus seja o comer a carne de porco que sua criação era proibido (Lv 11,7; Dt 14,8) e é considerado impura e a destruição dos porcos dos territórios dos pagãos é como se fosse uma limpeza geral e total da parte de Jesus para acolher a boa nova do Evangelho.

No terceiro episódio (Mc 7, 24- 30), na apresentação da mulher grega, de síro-fenícia, Jesus fala: deixe que primeiro os filhos se saciam porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos e ela responde: “è verdade Senhor, mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos!” E a filha ficou curada naquele mesmo

instante pela fé daquela mãe.
Jesus primeiro tinha saciado os filhos (de Abraão) no território judaico através a primeira multiplicação dos pães e Jesus foi para o território dos pagãos após as controvérsias e não aceitação da parte de seu povo. Ainda assim Jesus quis reivindicar o direito da salvação do seu povo, comparando os pagãos com cachorro.
E para os judeus os pagãos eram considerados como cachorros ou porcos, eram provocadores de grandes calamidades para os filhos de Israel. Embora no início parece que Jesus quer conservar a tradição dos judeus, tratando-lhes como cachorros, além de seu querer permanecer oculto naquele território pagão (v. 24), não consegue, ele vai ao encontro das necessidades daquele povo e cura a filha da mulher cananeia. Aqui mais um exemplo para os primeiros cristãos que estavam com dificuldade de acolher os pagãos para cristianismo e o evangelista Marcos quer mostrar que os pagãos também merecem a fé, pois acolheram com humildade Jesus. No episódio ela veio chamando Jesus "Senhor" (acolhimento da pessoa de Jesus) e Jesus fala: pela tua fé, pelo que disseste, vai, o demônio de tua filha saiu".

(voltando para a estruturação dos episódios) Jesus comanda sobre os demônios com autoridade e imediatamente eles lhe obedecem. E os que estão aí assistindo fazem dos comentários de estupor e admiração: "que é isto? Um novo ensinamento com

autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros ele dá ordens e eles lhe obedecem! (1, 27-28).
E nos primeiros dois casos Jesus pede o silêncio e sem obedecer-lhe vão divulgar o fato e isso tornou um prejuízo para Jesus continuar a sua missão. (1,28; 5,16).
A restauração do Reino de Deus começa e termina fazendo calar os demônios, fazendo os sair, surdos e mudos, que não tem mais nenhum poder sobre os dois povos: judeus e pagãos, sobre a humanidade.

A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

No Evangelho de Marcos encontramos um episódio onde Jesus faz voltar da morte à vida a filha de Jairo (Mc 5, 21-24. 35-43), chefe da sinagoga. Jairo chega até Jesus caindo aos seus pés: "minha filha está morrendo, vem e impõe as mãos para que seja salva e viva". No caminho vem a mulher hemorroíssa e atrasa Jesus chegar em tempo e a notícia: " a filha de Jairo morreu, não precisa mais perturbar Jesus". Jesus: "não temas, crês somente". Para Jesus a criança não morreu, está dormindo, ou seja, uma morte leve e para os outros ela morreu mesmo. Jesus entra com os três discípulos e não precisou impor a mão dele sobre ela como um taumaturgo ou como os profetas antigos (Elia e Eliseu 1Re 17,19; 2 Rei 4, 33-34; At 9, 40) ou pronunciar algumas palavras misteriosas ou orações prolongadas, mas simplesmente "tomando a mão da criança, disse-lhe "Talita-kum", menina, levanta-te. E no mesmo

instante a menina se levanta e faz a refeição. O pai pensou num exorcismo, a imposição das mãos, os amigos de Jairo pensaram de não incomodar Jesus, pois já estava morto. Em vez, bastou um simples ato de Jesus: tomar na mão da criança e dizer: levanta-te.

O PODER DE JESUS SOBRE A NATUREZA

O Evangelho narra dos cinco episódios deste gênero:
1. A tempestade acalmada (Mc 4,35-41)
2. Multiplicação dos Pães (6, 34-44)
3. O caminhar de Jesus sobre as Águas (6, 45-52)
4. Multiplicação dos Pães (8, 1-9)
5. Figueira Amaldiçoada (11,12-14)

Sobre a multiplicação dos pães (2º e 4º) e a figueira amaldiçoada falamos já nas páginas anteriores. Por isso aqui vamos falar sobre os dois fenômenos sobre as águas: A tempestade acalmada (c. 4) e o caminhar de Jesus sobre as Águas (c. 6).
O primeiro episódio acontece após de uma jornada da catequese de Jesus falando em parábolas. Jesus estava ensinando no barco mesmo (4,1) e ao cair da tarde passaram para outro lado de margem do rio, para os territórios dos gerasenos onde moravam os pagãos. Toda a narração nos traz em memória: o primeiro dia da criação quando tudo estava escuro e em caos e, a história de Jonas (Jn 1,4-6): “Sobre veio uma tempestade de vento, e as ondas se jogavam para dentro do barco e o barco já estava se enchendo. E o

Mestre estava dormindo sobre o travesseiro". Ou seja, após um dia de trabalho duro, ensinando dia inteiro, o Mestre estava dormindo bem à vontade na popa do barco, confortado, enquanto outros estavam gritando.

Jesus, logo faz um exorcismo sobre a natureza, igual como ele fez com o espirito imundo do primeiro dia: ele conjurou severamente o vento e disse ao mar: "Silencio! Quieto". Logo o vento serenou, e houve grande bonança. Jesus age revestido de poder sobre a natureza. No AT somente Deus tem o poder sobre a natureza, sobre o mar e Jesus aqui como Filho de Deus, está exercitando o poderio de Deus e os discípulos sem entender nada, perguntando dentro de si: "Quem é este a quem até o vento e o mar obedecem?" Jesus chama a atenção deles, pois não acreditaram nele apesar de ter já assistido muitos milagres.

E no segundo episódio, no c. 6, após a primeira multiplicação dos pães, ao cair da tarde de novo, os discípulos estão no meio do mar, para atravessar a um território pagão chamado Genesaré. E esta vez Jesus ficou em terra sozinho para rezar. Mas na quarta vigília da noite, ou seja, após 3 horas da madrugada, no pleno escuro, Jesus vê os discípulos fatigando-se em remar por causa do vento contrário. E igual como aconteceu com Moises, na teofania, onde Deus passou perto dele manifestando-se (Ex 33, 21-23), assim Jesus andando por cima do mar, chega ao lado deles. Os discípulos gritam pensando que ele fosse um fantasma. Não o enxergaram corretamente. Assim foi também na

Teofania de Deus a Moises pois a glória de Deus vê apenas entrevisto. E, como Deus manifestou-se a Moises revelando-lhe o seu nome "eu sou", aqui Jesus se apresenta como "eu sou", e entra no barco com eles.
Em todos dois episódios estão atravessando o rio para chegar nos territórios dos pagãos. O vento e o mar se agitam, Já no caminho começam os ventos contrários, mas Jesus tem o poder sobre a natureza. Ele vê, enxerga a nossa situação ainda que nós estamos no escuro e longe dele. Ele, "Eu sou" está conosco.
Eu sou é o nome de Deus. Apenas ouve este nome tudo cai por terra, todos se ajoelham diante dele, tudo se cala assim como aconteceu no jardim das oliveiras quando Judas junto com sumos sacerdotes e fariseus chegaram com lanternas e armas para pegar Jesus, e ele perguntou-lhes "a quem procuras? ", eles responderam: "Jesus de Nazaré" e Jesus colocando um passo para frente se apresentou: "Eu sou". Apenas ele pronunciou "eu sou" recuaram e caíram por terra (Jo 18,4-6; cf. Jo 8,24.28.58) Antes de acontecer o arresto, os seus crucificadores se ajoelham pra adorá-lo! Não somente Jesus tem o poder sobre a natureza, ele mesmo é o poder e todo joelho se dobra diante dele! Tudo foi criado e redimido por ele e para ele. Sem ele nada tem sentido, nada existe e nada persiste.

O PODER DE JESUS SOBRE OS DOIS CEGOS

Temos dois episódios no Evangelho de Marcos, onde Jesus cura os cegos:

Cura de um cego de Betsaida (8,22-26) e a Cura do cego Bartimeu (Mc,10.46-52)

O primeiro episódio a Cura de um cego de Betsaida (8,22-26) acontece no final da seção dos pães, diante das incredulidades e mentalidades cegas dos fariseus e herodianos e na progressiva compreensão da parte dos discípulos de Jesus a respeito dele. Pois logo depois deste episódio vem a profissão de fé de Pedro. A imposição das mãos e uso da saliva junto com uma força mágica que sai do curador são elementos usados por taumaturgos na literatura helenística, grega. O fato de Jesus conduzir o cego para fora do povoado mostra o entendimento de Jesus de não quer aparecer como taumaturgo fazendo um espetáculo.

E esta vez o milagre acontece não por palavras, mas pela imposição das mãos. A cura é gradual: é um símbolo da gradual e progressiva compreensão sobre a identidade misteriosa de Jesus da parte dos discípulos. Primeiro o cego enxerga os homens como árvores que caminham e depois Jesus faz outro toque e ele retoma a vista perfeita.

As dimensões religiosas, a pessoa de Cristo e da sua Igreja, os sacramentos, a liturgia etc. agente não entende, nem compreende com as publicidades, no meio das praças, mas na humilde e perseverante escuta da Palavra associada pelo mistério da Cruz.

E o segundo episódio, a Cura do cego Bartimeu (Mc,10.46-52) acontece na saída de Jericó, antes de

Jesus entrar em Jerusalém. Se no primeiro episódio outros que trouxeram o cego implorando a Jesus que o curasse, esta vez o cego mesmo (que também é um mendigo) está gritando "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim" e outros reclamando ele para ficar calado. Ele chama Jesus com dois títulos: Filho de Davi" e Rabbuni (significa meu Senhor. ref. Jo 20,16). Jesus que não queria a publicidade da sua pessoa, e que quis manter o segredo messiânico, agora aceita da boca de cego: Jesus Filho de Davi, o Rabbuni.

Ao contrário do primeiro episodio (8,22-26) aqui Jesus não faz nenhum gesto. Jesus leva em consideração a fé do cego Bartimeu que foi abafado pelos outros enquanto ele estava gritando. A Palavra de Jesus produz efeito imediato: "va, tua fé te salvou", no mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho. A fé não somente curou o cego, mas deu a força para seguir Jesus ao longo do caminho para calvário.

O mendigo cego representa toda a humanidade caída no escuro do pecado e da ignorância, sentada na beira do caminho esperando o Filho de Davi! Somente reconhecendo Jesus, o filho de Davi (o senhor da história, o senhor do passado, presente e futuro), é possível reconquistar a vista, para poder segui-lo no caminho da cruz. O cego representa àquele fiel, aquele catecúmeno, que faz um caminho de escuridão para luz e em seguida, segue Jesus no caminho para calvário. E a prontidão em levantar-se, dar um pulo imediato, jogar

embora o manto são disposições de um catecúmeno, sinal da liberdade interior.

O milagre acontece no caminho de Jesus para Jerusalém, saindo de Jericó. O grito de cego é um grito antecipado preparando o povo que estava aí para ingressar em Jerusalém, onde entre poucos dias verá manifesto a sua identidade no mistério da cruz.

AS PARÁBOLAS

Vamos dar um passo para atrás para falar sobre as parábolas: E já voltaremos - no domingo dos Ramos -, entrar com Jesus em Jerusalém.

Embora encontramos mais de 40 parábolas nos evangelhos, Marcos traz para nós apenas 5 parábolas: Quatro delas são comuns nos outros evangelhos sinóticos: a parábola do semeador (Mc 4 1-20), a parábola de grão de mostarda (Mc 4,30-32), a parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12 1-12) e a parábola da figueira (Mc 13 28-32) e encontramos como próprio de Marcos a parábola da semente que germina por si só (Mc 4, 26-29).

Cada evangelista usa as parábolas com significado e contexto diferente. São Marcos as insere num contexto em que seus destinatários estão em dificuldade de vivenciar a fé no meio dos pagãos romanos e, mostrando o exemplo de Jesus que também a sua vez teve muitos adversários e incrédulos, quer ensinar-lhes que o caráter do Reino de Deus, a lógica do Evangelho é contrária a lógica e ao caráter do mundo. O mistério

do Reino está escondido como a vida está escondida na semente, e ainda que ela não tenha muita aparência, age em forma muito fecunda.

O contexto do ensino de Jesus em parábolas é muito importante para agente adentrar melhor no texto. Após as missões dos primeiros dias Jesus não teve muito sucesso. De todos os lados estava aumentando o número dos inimigos, inclusive da parte dos chefes. A Palavra caída da sua boca, não todos estão acolhendo bem. Jesus ensina as parábolas após as controvérsias de Galileia.

A parábola do Semeador: Na explicação da Parábola Jesus usa a linguagem alegórica, mostrando a qualidade e a disposição de cada componente do anuncio:

A semente: é a Palavra de Deus (O Reino) e que ela em si contem a fecundidade;

O terreno: é o destinatário. O fruto depende do terreno

Os pássaros: é o mal que atrapalha, o satanás

O terreno pedregoso: as pessoas inconstantes

As espinhas: são as paixões

Quando ficaram sozinhos os discípulos junto com alguns outros vão perguntar a Jesus o significado das parábolas e Jesus além de explicar-lhes, “disse-lhes: A vós é revelado o mistério do Reino de Deus, mas aos que são de fora tudo se lhes propõe em parábolas. Desse modo, eles olham sem ver, escutam sem compreender, sem que se convertam e lhes seja perdoado."

É uma página que parece injusto o que Jesus faz. Para os judeus “os outros” eram os pagãos, aqueles são fechados à graça de Deus. Na verdade, é o que acontece de fato. O entendimento da Palavra não é para todos. Alguns escutam, mas não entendem, outros, independente do estudo, cultura e conhecimento, são capazes de adentrar no mistério. Pois a sabedoria é dom de Deus. Àqueles a quem Deus concede a adquiri-la. Não é nossa capacidade ou simples querer. Se ele não nos conceder não temos.

A parábola da semente que germina por si só (Mc 4, 26-29): "O Reino de Deus é como um homem que lança a semente à terra. Dorme, levanta-se, de noite e de dia, e a semente brota e cresce, sem ele o perceber. Pois a terra por si mesma produz, primeiro a planta, depois a espiga e, por último, o grão abundante na espiga."

O ministério de Jesus em Galileia aparece humilde, insignificante, quase falido aos olhos dos outros, mas ele confirma que o Pai está agindo misteriosamente e apesar da sua aparência contraria, atuará o Reino de Deus.

Ainda que o semeador fique sem fazer nada, e o crescimento da semente parece invisível, vai haver a colheita. Assim será o Reino de Deus, as coisas de Deus. A ação de Jesus não é sem fruto, basta esperar com confiança.

A parábola de grão de mostarda (Mc 4,30-32): "A

quem compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos? É como o grão de mostarda que, quando é semeado, é a menor de todas as sementes. Mas, depois de semeado, cresce, torna-se maior que todas as hortaliças e estende de tal modo os seus ramos, que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra."

Enquanto a parábola precedente fala da chegada misteriosa do Reino, aqui nesta parábola fala do contraste entre a fase insignificante inicial da semente com a sua fase de grandeza final. Apesar da sua pouca aparência inicial o Reino de Deus vai crescer e multiplicar com toda sua magnificência. Enquanto o povo pensa que a restauração do Reino de Deus é um triunfo glorioso aos olhos humanos, Jesus fala da sua presença já atuante em forma simples, humilde e pouco espetacular.

A parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12, 1-12): Os interlocutores de Jesus são "os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos" (Mc 11, 27-28). Jesus faz a auto revelação introduzindo a parábola, mas fazendo uma releitura da toda história da salvação. Deus Pai já enviou muitos profetas e agora Ele é o profeta definitivo sobre o qual os seus adversários irão fazer o que eles quiseram.

A narração do cuidado que o dono tem para com o vinhateiro faz alusão ao cuidado que Deus Pai teve para com Israel assim como narra Is 5, 1-7. "após a

plantação da vinha o homem cercou-a de uma sebe, abriu um lagar, construiu uma torre. Depois disso arrendou-a a alguns vinhateiros...” (Mc 12, 1). Isaias falava em forma alegórica a situação de Israel.

De fato, o trabalho dos vinhateiros requeria bastante investimento: construía-se uma torre no meio das vinhas para custodiar dos ladrões no tempo da colheita e ao redor faziam as cercas de espinhos ou de pedras. A parábola fala dos casos dos que alugavam seus bens para o dono viajar nos países estrangeiros ou até mesmo os donos estrangeiros deixam trabalhar os servos e depois voltam para ver como estão indo as coisas.

A decisão de enviar “o Filho predileto” (convicção profunda de Jesus da sua missão, da sua identidade, a voz do Pai no rio Jordão: Eis meu Filho muito amado”) e eles matam o Filho, pois pensam que o Pai já morreu e assim matando o Filho pode possuir a vinha. Em Marcos mata o Filho dentro da vinha e Mt e Lc fora da vinha, aludindo a morte de Jesus fora do muro da cidade de Jerusalém (Heb 13, 12-13).

Após a cura de endemoninhado geraseno os habitantes mandam Jesus ir embora daquele território (5,17).

Nos capítulos de **6 a 8, 26 (Seção dos pães**) crescem a hostilidades e a incompreensão dos discípulos: Desprezo e incredulidade dos compatriotas em Nazaré: “Não é este o carpinteiro? (6, 1-6).

Segue a discussão dos fariseus contra Jesus e os discípulos a respeito de tradições dos antigos e, Jesus os chamando de "hipócritas" responde: abandonais o mandamento de Deus, apegando-vos à tradição dos homens e invalidais a Palavra de Deus por causa de vossas tradições (7, 1-23; 8, 11-13).

Após as duas multiplicações dos pães, aparece a incompreensão dos discípulos: "não tinham entendido nada... e seu coração estava endurecido (6,52); e Jesus recomenda aos discípulos: "cuidado com o fermento dos fariseus! "Ainda não entendes nem compreendeis?" (8, 14-21).

A seção dos pães conclui na cura gradual do cego em Betsaida (8, 22-26). Os fariseus e escribas continuam sendo cegos e os discípulos começam a compreender, mas lentamente, gradualmente assim como gradual a cura do cego. Se Jesus não tocar, não intervir não serão capazes de entende-lo. Por isso esta primeira seção é concluída com a revelação parcial de Jesus da parte de Pedro; "Tu és o filho de Deus". Até aqui vemos um Jesus não entendido, não aceito, mas que com a afirmação de Pedro começa a ser reconhecido: "Tu és o Cristo". Na verdade, este versículo (8, 29) é o ponto de partida para a segunda seção e ponto de chegada da primeira parte.

SEÇÃO DOS PÃES (cc.6-8,26): São Marcos narra dois episódios da multiplicação dos pães: um no início, no capítulo 6 e outro no final desta seção, no capítulo 8. A primeira, após as missões dos Apóstolos, eles

voltam, partilham com Jesus suas experiências e os acontecimentos durante a missão e Jesus, os convida para deserto, para descansar um pouco e lá chega a multidão e acontece o primeiro episódio da multiplicação. E a segunda narração acontece no território estrangeiro de Decápole, após a missão de Tiro e Sidônia, capítulo 8. Jesus, aparece como o bom Pastor que alimenta suas ovelhas no deserto. O evangelista diz: "Jesus ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor" (Mc 6, 33), igual como aconteceu no Antigo testamento, quando através Moises Deus alimentou o seu povo. Jesus e os discípulos estavam lá para se descansarem e comeram alguma coisa, pois não tiveram tempo para comer antes, e Jesus quando viu a multidão sentiu nas suas entranhas a compaixão, faz partilhar o pão deles com aquela multidão, faz assentar-lhes no prado verde e tomando em suas mãos o pão, deu graças, partiu-os e deu aos seus discípulos para que eles os distribuíssem. (Ref. Salmo 23 em verdes pastagens ele me faz repousar..., diante de mim preparas a mesa") E eles distribuíram à multidão e todos comeram e ficaram saciados.

Na verdade, os dois episódios são apresentados como uma prefiguração da Eucaristia. São todos gestos eucarísticos, aliás, podemos ver toda a estrutura eucarística em cada gesto, igual como na última ceia, igual como Jesus ressuscitado com os discípulos de Emaús. São todos gestos e números simbólicos em

relação à Eucaristia e à Igreja.: na primeira parte tem a Liturgia da Palavra incluindo a homilia, (a multidão estava ouvindo o Mestre) e depois a Liturgia Eucarística: Jesus tomou o Pão, deu graças, partiu-os e deu aos seus discípulos... e depois todos sentados, comendo e ficaram todos saciados. Ou seja, a eucaristia é para todos e todos os que vão aí ficam saciados, e ainda sobra para aqueles que não estão presentes e por isso preciso recolher.

Dos pedaços que sobraram recolheram em cestos, no primeiro caso cinco pães multiplicados e sobraram 12 cestos cheios e no segundo caso sete pães multiplicados e sobraram sete cestas. O primeiro celebrado para os judeus, no território judaico, simbolizando as 12 tribos de Israel e o segundo celebrado no território dos pagãos, celebrados para os gentis, simbolizando 7 sacramentos ou sete diáconos helenistas constituídos para servir os pobres provenientes das comunidades em diáspora (At 6,1-7). Sabemos que a comunidade de Marcos era formada dos cristãos provenientes de judaísmo e dos pagãos. Marcos quer mostrar que Jesus já tinha contemplado os dois povos reunidos na Eucaristia. No primeiro eram 5 mil homens que ficaram saciados e no segundo caso 4 mil homens, evocando os 4 pontos cardeais da terra ou até fazendo alusão de 7 pães às 7 nações de Canã (At 13,19) ou os 70 povos do mundo, assim como encontramos em gêneses 10, após o dilúvio.

O contexto histórico: a Igreja primitiva estava

em dificuldade de acolher os pagãos como podemos ver nos Atos dos Apóstolos (cc.10-11.15). Então para motivar os cristãos, era necessário que o Evangelista mostrasse que a salvação não é somente para os judeus, mas para todos, para todos aqueles que acolham Jesus e não simplesmente aqueles que praticam algumas tradições dos judeus. De fato, nos capítulos anteriores, Jesus não é acolhido pelos judeus e é considerado por eles como impuro, pois estava comendo com os pecadores, violando suas tradições. Por isso Jesus, após a primeira multiplicação dos pães, antes de ir para a terra estrangeira, fala aos judeus sobre suas atitudes, suas tradições e a respeito da puridade: Para os judeus os estrangeiros são impuros, os judeus, a sua vez, façam tantos rituais da purificação como lavar as mãos, lavar os copos, lavar o cotovelo e muitas outras tradições etc (Mc 7, 1-23) e Jesus lhes recomenda; "Nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro, mas o que sai do homem..., é isso que o torna impuro, as intenções malignas..."(Mc 7, 15.20).

Em seguida deste ensino, Jesus vai para os territórios estrangeiros, entre os "impuros" e eles o acolham. Temos aqui dois episódios: primeiro a cura da filha de uma siro-fenícia depois a cura de um surdo-mudo.

A cura da filha de uma siro-fenícia: Jesus faz uma cura a distância, igual como no caso da cura do filho de Centurião (Mt 8, -13), talvez para mostrar a

distância daquele povo pagão, dominado pelos espíritos impuros na ausência de Jesus e, no mesmo tempo para mostrar a disposição e a humildade deste povo em acolher Jesus através a figura da mulher pagã: Ela reconhece que os filhos (de Abraão) primeiro devem ser saciados e depois as migalhas para os estrangeiros, e estes que vieram depois se saciam igualmente. Jesus já tinha multiplicado o pão para seu povo embora não quiseram acolhê-lo, e agora é a vez dos pagãos. O episódio da mulher grega por isso é simboliza a caráter universal da missão de Jesus e da sua Igreja.

A cura de um surdo-mudo: indica a próxima conversão dos pagãos: até então não estavam enxergando a salvação porque não ouviram a Palavra de Deus e eram por isso surdos (ouvidos fechados à Palavra de Deus). Mas com a pregação dos Apóstolos "abrirão os ouvidos e a língua se lhe desprenderão e falarão corretamente"(Mc 7, 37).

O mundo pagão, recebido a libertação dos espíritos imundos (mulher cananea), abrindo os ouvidos a Palavra de Deus, proclamando-a corretamente (surdo-mudo), agora pode receber o banquete eucarístico (a multiplicação dos pães em Decápole) . Podemos ver aqui as várias etapas do ritual do batismo do catecúmeno.

A segunda multiplicação acontece no deserto, enquanto a primeira era num lugar deserto. Os judeus tinham Jesus mas não o acolheram, quiseram permanecer num lugar deserto e os pagãos estavam no

deserto pois não tinha ainda Jesus. Na primeira multiplicação os discípulos tomam iniciativa, aqui a iniciativa é de Jesus mesmo: “tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo e não tem o que comer. Se os mandar em jejum para casa, desfalecerão no caminho, pois muitos vieram de longe” (Mc 8, 2-4).

SEGUNDA SEÇÃO:
MINISTÉRIO DE JESUS EM JERUSALÈM 9-14:

A compreensão gradual dos discípulos no caminho para Jerusalém e as controvérsias da parte dos fariseus e escribas em Jerusalém.

Na segunda parte do Evangelho (cc. 8-10) Jesus começa a preparar os discípulos para este entendimento através dos três anúncios da Paixão (8,31; 9,31 e 10,33). Jesus será entendido não pela inteligência humana ou pelos critérios humanos, mas pelo escândalo da cruz, pelo seguimento no caminho da cruz. Aquele Pedro que apenas acabou de professar a sua fé (8,31), quando ouviu que Jesus deve passar pelo escândalo da cruz, o reprende chamando-o a parte (8, 32). Aquela voz de Pedro é a lógica de satanás no deserto: fugir do sofrimento (Mc 4) e por isso Jesus o repreende: “afasta-te de mim satanás, porque teus pensamentos não são os de Deus, mas dos homens”. Pois o caminho de satanás não é o caminho de Servo de Jahweh (Is 53, 1-7).

E Jesus, durante o caminho para Jerusalém, ensina aos discípulos a lógica do discipulado. Após cada anuncio Jesus dá um ensinamento de renúncia, de humilhação, de sacrifício no seguimento (8, 34-9,1; 9, 33-37; 10, 35-45). E cada um deste ensino corresponde a um episódio que manifesta a glória e o poder de Deus: a transfiguração (9, 2-9), a discussão sobre o exorcismo dos estranhos usando o nome de Jesus (9, 38-41) e a cura do cego Bartimeu (10, 46-52).

O capítulo 10,1-31 é uma catequese familiar da comunidade cristã.

E os capítulos 11-13 relatam o ministério de Jesus em Jerusalém onde acontece o confronto definitivo dele com o judaísmo que marca o rompimento: Jesus, se até aqui ocultou a sua majestade, agora entra decisivo em Jerusalém, amaldiçoa a figueira estéril (11, 12-14) e em seguida tem cinco controvérsias com os chefes dos judeus. 11, 27-12,44.

A entrada de Jesus em Jerusalém como rei messiânico sobre um jumentinho, aclamado pelo povo como rei, envia às palavras de bênção de Jacó sobre Judá "teus irmãos te louvarão, inclinarão diante de te, o cetro não se afastará de Judá. Liga à vinha seu jumentinho, à cepa o filhote de sua jumenta..." (Gen 49,11).

1. "Bendito aquele que vem em nome do Senhor": Estas palavras da primeira aclamação eram pronunciadas pelos sacerdotes acolhendo os peregrinos que subiam para o templo de Jerusalém;

2. “Bendito o Reino que vem”: Esta segunda aclamação é o reino esperado por Israel, que está prestes para chegar.

Ou seja, na entrada de Jesus em Jerusalém, já se instaura o novo tempo messiânico aclamado pela boca do povo e isso só seria possível somente havendo o rompimento com o judaísmo. O vinho novo em odres novos.

Segue a maldição da figueira estéril e a purificação do templo: Trata-se de um gesto simbólico e profético. O culto judaico é igual a figueira estéril: tem muita aparência, mas não dá frutos. A casa de Deus que é lugar de oração tornou-se mercado de venda e compra, tornou-se estéril. O holocausto cotidiano do templo de Jerusalém logo será substituído pela celebração eucarística. A casa de Deus será a casa de oração para “todos os povos”, aludindo assim a conversão dos pagãos.

Eis que aqui seguem as controvérsias da segunda parte: chegam em fila as autoridades de então (os sacerdotes, os escribas e os anciãos = toda a autoridade judaica) questionando sobre a autoridade de Jesus usado no templo em fazer tudo isso e Jesus não responde, fecha a boca de seus interlocutores fazendo outras perguntas. A parábola que Jesus vai pronunciar em seguida (vinhateiros homicidas 12, 1-12) mostra que eles são aqueles que mataram os profetas e os enviados de Deus. E já chegou a hora em que vai ser tirado da mão deles o reino de Deus. Da parte dos judeus, “procuravam prendê-lo, mas ficavam com medo do povo” v. 12.

Agora a vez dos fariseus e os herodianos questionando Jesus sobre o imposto (vv. 13-17) Na verdade eles eram inimigos entre si, mas para colocar Jesus em questão se aliaram como aconteceu outra vez, no inicio do Evangelho 3,6. Além disso, os herodianos, que eram os descendentes de Herodes, representavam as autoridades civis, pois eram os vassalos, os subordinados dos romanos (na verdade eles não tinham nada a ver com o templo de Jerusalém, mas aparecem para criar polémica contra Jesus). Jesus age livremente sem preocupação dos intervindos dos adversários. Diante da maldade e hipocrisia deles, Jesus responde com sabedoria sobrenatural: o homem, a imagem de Deus, pertence a Deus e a moeda pertence a César, pois nela tem a impressão do rosto de César e deve ser devolvido a ele o que lhe pertence. (De fato, a moeda romana era d'argento e tinha num lado imagem de Tiberio, com inscrição: Tibério Cesar augusto, filho do divino Augusto e no outro lado, a imagem de sua mãe, sentada num trono na majestade divina com inscrição: "Pontífice máximo". Para os judeus, esta moeda era proibida e a imagem era uma expressão de idolatria) .

AS CONTROVÉRSIAS EM JERUSALÈM:

Aparecem primeiro **os saduceus** questionando a Jesus sobre a ressurreição (vv. 18-27): Os fariseus acreditavam na ressurreição e os textos do AT afirmam claramente (Dn 12,2-3; 2 Mac 7,9; 12,43-46). Os Saduceus, por sua vez, acreditavam somente o que fala nos textos do Pentateuco, onde não tem a afirmação

da ressurreição e não aceitavam os ulteriores pensamentos "das tradições dos antigos". No entanto, o conceito de ressurreição dos fariseus era um acréscimo fantástico das alegrias mundanas e imaginavam, por exemplo, uma fecundidade excepcional neste novo tempo da ressurreição assim como dizia Gamaliel; "então as mulheres darão à luz cada dia". Ao tratar deste assunto os fariseus e saduceus se tornavam inimigos, é por isso que até Paulo depois aproveita disso para defender-se diante do sinédrio (At 23, 6-11).

Jesus agora argumenta dando resposta aos saduceus a partir do Pentateuco, trazendo o exemplo da teofania de Deus na sarça ardente (Ex 3,6): Jesus confirma a ressurreição a partir da promessa de Deus feita a Abraão, Isaque Jacó, aos patriarcas. A certeza da ressurreição é a certeza da fidelidade de Deus com humanidade, que não pode ser aniquilado com a morte, pois Deus é maior que a morte. E no final, Jesus conclui: "estais muito errados!" (v. 27).

O próximo que aparece no cenário para ter controvérsia com Jesus é **um escriba** (vv.28-34): Colocando-se no lugar do justo e conhecedor da Palavra de Deus, elogia a Jesus por saber e conhecer a Palavra de Deus! Jesus lhe responde: "Tu não estás longe do Reino de Deus". A simples obediência à lei não garante o Reino de Deus. Dar a vida é a lógica de Cristo e do Evangelho. A obediência sem o tempero do amor, sem o tempero da doação de si não manifesta o sinal do Reino de Deus! Por

isso mesmo o salmista diz: “A perfeição da lei é o amor” (Sl 119).

Agora **Jesus mesmo toma a Palavra e se coloca em contraposição aos escribas** (vv. 35-44): “Como podem os escribas dizer que o Messias é filho de Davi, se o próprio Davi falou: “O Senhor disse ao meu Senhor, senta-te ao meu direito”... Se o próprio Davi chama “Senhor”, então como pode ser seu filho?” Falando assim Jesus coloca em evidência a sua existência antes de Davi, a sua origem eterna, a sua missão messiânica. E Jesus termina sua catequese no Templo recomendando o povo: “Guardai-vos dos escribas que gostam de circular... de ser saudados, de ter lugares de honra... e estes gostam de devorar as caixas das viúvas”.

E Jesus aqui colocando o exemplo da oferta da viúva confirma esta maldade dos escribas que devoram as pobres viúvas. Pois, eles tinham o costume pegar escondido todo dinheiro que as viúvas depositavam no átrio do templo de Jerusalém, único espaço onde as mulheres tinham o acesso.

O discurso escatológico (Cap. 13).

O discurso escatológico de Jesus além de preparar-nos para entrar no mistério da paixão e morte de Jesus, nos faz lembrar também do contexto histórico de Israel: a guerra judaica (nos anos 67-70) e a destruição do Templo de Jerusalém (no ano 70). O mesmo caminho que Jesus percorreu o discípulo também deve percorrê-lo. No meio das tribulações os cristãos já estavam encontrando os

falsos Messias anunciando a chegada do último tempo e por isso o evangelista vem lembrar-lhes que Jesus já tinha falado sobre tudo isso.

Jesus fala da destruição do Templo (v. 2): terminar o culto em Jerusalém significa terminar o tempo judaico, e por isso o capítulo 13 não devemos ler no sentido do fim de últimos tempos. (De fato, a destruição do povo judaico e do Templo acontecerá depois de quase 40 anos da morte de Jesus e, seja o redator do Evangelho sejam os seus destinatários, são os contemporâneos destes acontecimentos e já assistiram e sentiram na sua pele o pavor e o sofrimento destas guerras como se fosse o fim dos tempos: a destruição do templo, os catástrofes, as guerras, as brigas, as divisões nas famílias, pois alguns abraçaram a fé em Jesus, outros permaneceram no judaísmo e assim a família tornou-se lugar de violência e não de paz etc. (cf. vv. 9-23). Os cristãos foram odiados por todos, pelos próprios familiares e amigos (v. 12). É preciso que aconteça tudo isso, mas não é o fim (v. 7). Ficai atentos. Eu vos preveni a respeito de tudo isso (v. 23).

A mudança cósmica (vv. 24-27) “o sol, a lua (Is 13,10), as estrelas, os poderes (Is 34,4), as nuvens são símbolos de uma nova era: Após o tempo de sofrimento sempre chega um tempo novo, um tempo favorável para seus eleitos, onde o Filho de Deus vai tomar conta deles; é o tempo do triunfo dele. A chegada dos anjos dos quatros lados do mundo (Zc 2,10) mostra a universalidade da Igreja, todos serão contemplados, não

só os judeus serão os únicos salvos, mas todos. Ninguém será esquecido. O Evangelho de Mc não fala dos castigos finais (diferente de Mt), mas da salvação de todos, o cortejo triunfal do Senhor reunindo eternamente todos consigo (v.27).

E Jesus termina este discurso com a **parábola da figueira (vv.28-32).** "O céu e a terra" indica o cosmo. A missão do fiel é perseverar e anunciar o Evangelho até quando todo o céu e toda a terra, toda a humanidade, vierem ao conhecimento de Cristo e do seu Reino. Ninguém sabe a hora ou o dia, se não o coração do Pai. Mas Jesus disse: "sejam vigilantes e cuidado com os falsos profetas" (vv. 33-37). Os servos são os discípulos do Senhor. Enquanto Lucas fala do banquete do noivo, Marcos fala da viagem do patrão exortando aos servos de ficarem vigilantes, pois não sabem a que horas ele volta. Às quatro horas (à tarde, à meia noite, ao canto de galo ou de manhã) que o evangelho menciona são quatro vigílias com as quais os romanos dividiam as horas das 18.00 às 6.00h que se tornaram depois os momentos litúrgicos (e os hebreus dividiam em três as vigílias).

Jesus no Templo de Jerusalém (11, 15-19): É a leitura do Evangelho do terceiro domingo da Quaresma (Ano B). É uma das controvérsias que Jesus enfrentou em Jerusalém, na última semana da sua missão. Embora vamos ouvir o Evangelho segundo João, que apresenta este episódio no início da sua missão (Jo 2), os evangelhos sinóticos colocam-na no final da sua missão

em Jerusalém, após que Jesus entrou como rei, acompanhado pelos fiéis com canto de hosana.

Embora neste texto temos muitas coisas para meditar vamos concentrar no ato de Jesus no Templo. Ele, chegando em Jerusalém, no dia seguinte vai para o Templo e vê aí muita gente vendendo e comprando e tornando-o num lugar de mercantil e não a casa de oração. Jesus manda embora todo mundo dizendo: “Não está escrito: minha casa será a casa de oração para todos os povos? Vos, porem, fizestes dela um covil de ladroes. E ouvindo Jesus, os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam como mata-lo” Mc. 17-18.

Na verdade, o Templo de Jerusalém não precisava transformar em lugar de vendas e compras para fazer dinheiro. Era suficiente o dízimo que os judeus costumavam dar para o Templo. Já no tempo dos Profetas foi denunciado deste delito de Israel como podemos ver por exemplo no livro de Jeremias “Este Templo, onde o meu nome foi invocado, será porventura um covil de ladrões a vossos olhos? ... Eu vos expulsarei de minha presença” Jer 7, 11-14 (refr. Jer 26,6.12. Zc 14,21).

E o Evangelista João acrescenta: Então os judeus perguntaram a Jesus: 'Que sinal nos mostras para agir assim?' Ele respondeu: 'Destruí, este Templo, e em três dias o levantarei. Os judeus disseram: Quarenta e seis anos foram precisos para a construção deste santuário e tu o levantarás em três dias?' Mas Jesus estava falando do Templo do seu corpo.) Quando Jesus ressuscitou, os

discípulos lembraram-se do que ele tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra dele (Jo 2,18-23).

E os dois textos nos confirmam que com a morte e ressurreição de Jesus temos o novo Templo que é Corpo de Cristo, ele é o objeto e o lugar da nossa adoração. De fato, o templo de Jerusalém foi destruído no ano 70 e até hoje para os judeus tem somente o muro do Templo, o muro da lamentação. Não mais templos feitos pelos homens.

É verdade que temos as nossas Igrejas, como templo, lugar de nossos encontros e celebrações. Mas não necessariamente. A Igreja é igreja independente de seus edifícios: em quantos lugares do mundo a eucaristia é celebrada nas ruas, nas praças, nos porões, nas catacumbas, nas casas e até no avião, no navio. Jesus está presente independente dos lugares e edifícios. Ele ressuscitou e ele pode estar presente aonde ele quer. Igual como Jesus falou para a samaritana que estava se gloriando do culto dos antepassados: “vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vem a hora -e é agora- em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espirito e verdade”. O que vale termos belas igrejas e não termos os adoradores! Na Europa agente vê muitas Igrejas transformadas em museu e pontos de turismo e poucos adoradores diante do Santissimo Sacramento!.

TERCEIRA PARTE

O SEGREDO MESSIÂNICO (O SILÊNCIO)

O segredo messiânico é a chave da leitura do Evangelho de Marcos. Desde inicio até final, encontra-se uma grande teologia chamada o segredo messiânico. O Evangelho inicia dizendo que segredo é este: “o princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” e conclui com o anuncio de um centurião: “Este homem era verdadeiramente o Filho de Deus”. O evangelista Marcos quer mostrar aos primeiros cristãos que Jesus é o Filho de Deus, mas ninguém sabia e por isso quiseram matá-lo. Mas agora nós sabemos que ele é Filho de Deus, por isso vale a pena acreditar Nele.

Jesus impõe o silêncio sobre os demônios, os doentes, os discípulos, para não divulgar quem Ele é. Os demônios por primeiro se manifestam como profundos conhecedores de Jesus e procuram publicá-lo, mas Jesus não gosta deste tipo de “Confissão” e lhes ordena fortemente de calar a boca: “Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste perder-nos? Sei quem és: o Santo de Deus! Mas Jesus intimou-o, dizendo: "Cala-te, sai deste homem!” (Mc 1, 24-25). Quando os demônios e os espíritos impuros, viam Jesus, caiam aos seus pés e gritavam: “Tu és o Filho de Deus!”. E Jesus os conjurava severamente para que não o tornassem manifesto” (Mc 3, 11). Também o endemoninhado geraseno reconhece Jesus como “Filho de Deus”: “Vendo Jesus de longe, correu e

prostrou-se diante dele, gritando em alta voz: Que queres de mim, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? " (Mc 5,7).

A manifestação de Jesus como Filho de Deus, no inicio de suas atividades podia ser um obstáculo para sua missão e por isso Jesus os proíbe; mas eles, os demônios, querem criar confusão mesmo e, por isso usam a linguagem da publicidade, quebrando o segredo messiânico.

Jesus pede silêncio também aos que foram curados: na cura de um leproso Jesus o despediu imediatamente com esta severa admoestação: "Vê que não o digas a ninguém"; mas vai, mostra-te ao sacerdote e apresenta, pela tua purificação, a oferenda prescrita por Moisés para lhe servir de testemunho. "Este homem, porém, logo que se foi, começou a propagar e divulgar o acontecido, de modo que Jesus não podia entrar publicamente numa cidade. Conservava-se fora, nos lugares despovoados; e de toda parte vinham ter com ele". (1, 1-43-45);

Aconteceu igualmente no milagre da ressurreição da filha de Jairo: "Ordenou-lhes severamente que ninguém o soubesse, e mandou que lhe dessem de comer" (Mc 5, 43); na cura do surdo-gago: "Proibiu-lhes que o dissessem a alguém. Mas quanto mais lhes proibia, tanto mais o publicavam." (Mc 7,36); ao cego em Betsaida: "E mandou-o para casa, dizendo-lhe: Não entres nem mesmo na aldeia." (Mc 8,26).

Assim chega até ao capítulo 8. E mesmo capitulo a partir do versículo 27 começa o entendimento dos discípulos: Aliás, Jesus mesmo prepara os seus discípulos

para eles entenderem de modo que estejam preparados para grande semana da Paixão. E Jesus como um bom pedagogo, começa a fazer esta revelação de si por meio de uma pergunta: “Quem dizem os homens que eu sou?” Eles responderam: João Batista, outros, Elias; outros um dos profeta” E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito. Pois, somente na cruz, na hora da morte vai ser revelado pela boca de um pagão, pelo centurião, a verdade: “este homem, verdadeiramente era Filho de Deus” (Mc 15, 39).

Jesus pede silêncio aos discípulos em duas circunstâncias: Depois da Confissão de Pedro em Cesárea de Filipe como acabamos de falar e (8,30) e depois da Transfiguração: (e esta vez o silêncio para um determinado tempo) "Ao descerem do monte, proibiu-lhes Jesus que contassem a quem quer que fosse o que tinham visto, até que o Filho do homem houvesse ressurgido dos mortos" (Mc 9, 9).

QUARTA PARTE

O CAMINHO DO DISCIPULADO: DO TABOR PARA CRUZ

Marcos nos traz a modalidade do caminho dos discípulos junto com Jesus (que é o caminho de cada um de nós). Marcos usa o nome “discípulo” 46 vezes, algumas vezes referindo os Doze escolhidos, outra vez, um grupo pequeno que lhe acompanha e outras vezes todo povo que lhe seguia.

Os discípulos dos Escribas, dos Mestres da Lei, eram preparados intelectualmente, formando-se para serem expertos no conhecimento da Lei. Aprendiam as normas, doutrinas e tradições antigas. Jesus não se preocupava em ensinar-lhes uma doutrina, mas compartilhar sua vida. Os discípulos estavam com ele "por atração" e não para serem mestres ou estudiosos da Lei; para eles o que importa era seguir o Mestre. O povo, algumas vezes, lhe seguia por causa dos milagres, mas os discípulos, apesar das suas fragilidades e pouca perseverança na fé professada, caminharam com Jesus. Precisaram abandonar às riquezas, aos bens materiais, ao trabalho, para que assim tivessem uma mudança de vida totalmente radical. Por isso receberam até o poder de expulsar os demônios (Mc 3,14-15).

E entre estes 12, três ou quatro formavam um grupo mais estreito, mais perto a Jesus: Pedro, André, Tiago e João (Mc 1, 16-20.29). São os primeiros nomeados no elenco dos Doze (Mc 3,16-19) e aparecem como um pequeno grupo para ouvir o discurso escatológico (13,3). O grupo dos Três, Pedro, Tiago e João, são testemunhas privilegiadas da Ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), da Transfiguração (Mc 9,2) e na agonia de Jesus em Getsêmani. André desaparece progressivamente da cena.

Pedro há um lugar prioritário em toda a tradição evangélica. Marcos não se preocupa de salvar a reputação dos Doze, aliás, mostra a insensatez e ambição. Jesus chama Pedro "Satanás" (Mc 8,33); Falta no Evangelho de Marcos alguns episódios que mostram o prestigio de

Pedro como o caminhar sobre as águas, a promessa dada a Pedro, o pagamento tributário ao templo que são exclusivos de Mateus (chamado como o ciclo petrino).

E nos capítulos 8-9 mostra de forma mais concentrada o caminho do discipulado: Na primeira fase do discipulado os Doze seguiam Jesus, mas sem compreender muito e Jesus reclama e faz critica à sua incredulidade (8,14). Já moraram com Jesus, foram enviados por Jesus para missão, expulsaram os demônios, mas, ainda assim, não compreenderam o caminho de Jesus e se comportavam como se "fermentados pelas atitudes dos fariseus e Herodes" (Mc 8, 14).

O Mestre quer saber: o que os discípulos pensam dele? "E vós, quem dizeis que eu sou?" (A pergunta eterna de Jesus dirigida para cada um de nós!). E Pedro responde: "Tu és o Cristo". Pedro, já era discípulo, sabe até algumas coisas como teoria, mas não a lógica do seu caminho, pois apenas termina a confissão de Pedro, Jesus pronuncia o Primeiro Anuncio da Paixão (Mc 8,31) e Pedro não quer saber disso: "Chamando-o de lado, começou a recriminá-lo" (Mc 8,32). Jesus, na presença dos demais, lhe gritou: "Afasta-te de mim satanás (v. 33). O caminho para Calvário ainda permanece oculto e incompreensível para os discípulos . Mas Jesus lhes prepara ensinando-lhes as condições para seguir Jesus (8,27-10,52). Assim na segunda parte do Evangelho encontramos o tríplice anúncio da Paixão (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) com um ensino didático sobre a renúncia

(se alguém quer me seguir, negue-se ai mesmo, toma a sua cruz e siga-me" (Mc 8,34)).

Transfiguração: Era difícil entender sobre a linguagem de sofrimento que Jesus acabou de falar e aí para confirmar os discípulos na fé Jesus quis antecipar as bem-aventuranças, a vida eterna, por um segundo, para aqueles discípulos que Jesus escolheu com especial predileção: Pedro, Tiago e João. É uma experiência igual à do Batismo, à de caminhar Jesus sobre as águas e às aparições após a ressurreição. É uma experiência de morte e de ressurreição: O mistério de Cristo foi escondido até aqui, mas o segredo messiânico por um momento vai ser revelado para os três, porém devem ainda conservar o segredo que será manifestado após a morte. O texto é uma releitura da paixão, morte e ressurreição de Jesus na comunidade primitiva. Jesus sofre, mas já está revelada a sua glória. E nele, nós também sofremos, mas já está escondida nos nossos sofrimentos a glória divina.

Os três discípulos privilegiados estavam presentes também na ressurreição da filha de Lázaro e na agonia de Jesus em Getsêmani.

A transfiguração acontece no alto Monte: o alto Monte tem um significado mais teológico que geográfico: O alto monte é símbolo da teofania, da manifestação de Deus, é monte de Deus. Também Moisés na conclusão da aliança sobe para o Monte Sinai com Arão, Nadab e Habiu junto com setenta anciãos conforme relata o livro do Êxodo (24, 9). Desde o século IV a tradição

identificou o monte Sinai com Monte Tabor e algumas vezes como o Monte Hermon.

Foi transfigurado diante deles: essa é uma expressão passiva. É ação de Deus Pai no Corpo de Jesus homem: o Corpo foi elevado, transformando-o, na glória escatológica, compenetrando nele o esplendor da glória da eternidade.

E apareceu Moisés e Elias: Jesus conversa com os dois "justos" sobre o AT, que pertencem ao mundo transcendente. Elias, porque tinha a profecia do seu advento anunciando a paz na vinda do Salvador (Mi 3,23-24) e Moisés porque tinha profetizado sobre a presença de Jesus como um profeta escatológico (Dt 18,15). Os dois personagens representam também todo Antigo Testamento, a Torah, a Lei e os Profetas; a Lei representada por Moisés e todos os Profetas representado por Elias. Ou seja, todo AT estava representado, o que na verdade era uma preparação para a chegada de Jesus, agora testemunha a glória dele antecipada.

Três tendas: Pedro coloca a proposta de três tendas: Pedro ainda não quer ir para cruz, não quer descer para calvário, quer permanecer na glória sem abraçar a cruz. Mais uma vez Pedro é tentado: a glória sim, a cruz não. Todos nós gostaríamos de permanecer num momento assim. Tem vezes que quando estamos na alegria, na comunhão com os familiares, numa festa, num momento de adoração diante do Santíssimo Sacramento, num momento íntimo queremos que fosse eterno àquela experiência. Mas todas as festas, todas as alegrias deste

mundo têm por detrás a sombra da morte, a sombra passageira. A única tenda permanente entre os homens é Jesus Eucarístico. Por isso Santa Teresinha disse para Jesus no ostensório: “Jesus, se por acaso eu for para o inferno, até lá eu continuarei te amando o resto da minha vida. E Jesus respondeu: Teresinha, se não existisse céu, eu criava um só para você”.

E formou-se então uma nuvem que os encobriu com a sua sombra; e da nuvem veio uma voz: Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o: este é o momento culminante da teofania. Também quando Moises subiu para o monte “A nuvem cobriu o monte e a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, que ficou envolvido na nuvem durante seis dias. No sétimo dia, o Senhor chamou Moisés do seio da nuvem." (Ex 24, 15-16).

E a voz de Deus no Batismo foi dirigida ao próprio Jesus (Mc 1,11), por sua vez, na Transfiguração a voz se dirigiu aos discípulos: “Escuta-o”: Jesus no Batismo escutou a voz de Deus e foi fiel na hora da tentação. Os Israelitas assistiram os milagres, a intervenção de Deus na saída do Egito, na travessia do Mar Vermelho e depois que Deus os libertou deu a Lei, os 10 mandamentos e disse-lhes: escutai, schemá Israel, Escutai, vocês viram o que eu fiz por vocês e contra Egípcios a favor de vocês e agora para que sejam felizes, observem estes mandamentos. Daí por diante teve o tempo das tentações.

Na hora da Transfiguração a voz do Pai se repete. Assim como falou com Moisés, Deus fala aos discípulos: “escutai bem agora meu Filho amado e guardem na

memória esta experiência para ficarem de pé na hora da tribulação. Pois a glória vai ser por um instante e depois vai chegar a hora da tentação". Deus continua nos falando: "Toma cuidado! Procura com grande zelo não te esqueceres de tudo o que viste com os próprios olhos, e nada deixes escapar do teu coração por todos os dias de tua vida" (Dt 4,9).

Santo Agostinho dizia que bastaria a experiência dum momento de Luz para viver o resto da vida na escuridão. Quantas experiências de Luz nós já tivemos. Quantas Eucaristias e Sagrada Comunhão já tivemos. Quantas experiências na Tenda! Bastaria ter na memória as maravilhas que Deus já operou em nós e na nossa história para sermos fiéis nas horas das tribulações. Deus Pai continua falando a nós: "escutai-o".

E depois desta experiência Jesus pede o silêncio: A teologia da glória pressupõe àquela da cruz. Podem anunciar esta glória somente depois da morte e ressurreição de Jesus. A glória por um instante é para fortalecer-nos na fé. Mas para permanecer na glória precisaria passar pela cruz. Os discípulos não entenderam a expressão de Jesus: "ressuscitar dos mortos". Os discípulos não tinham ainda a experiência da ressurreição. Nós não. Nós somos filhos pós-pascal e é a nossa certeza na ressurreição que nos faz passar pela cruz. O silêncio no meio das tribulações para nós deve ser momento de contemplação do que Deus já fez em nós e a confirmação da nossa fé naquele que ressuscitou e que fará ressuscitar as nossas situações da miséria também.

Os discípulos se sentiram tão bem lá, mas logo descendo da montanha, voltaram para trás, esqueceram rápido o caminho para a glória. Ficaram discutindo sobre quem é maior (Mc 9,33-37). Jesus, como bom pedagogo, ensinou-lhes ainda com tanta paciência: "Então ele, sentou, chamou os Doze e disse: "Se alguém quiser o primeiro, seja o último de todos e servo de todos" (Mc 9, 34). Após um pouco, de novo, os dois entre eles, querendo estar ao lado esquerdo e direito de Jesus e, Jesus de novo dá uma nova catequese. (Mc 10, 35-40).

Enfim, assim como o cego de Jericó, ao receber tantos toques de Jesus, curados, entram com Jesus para Jerusalém. Preparados no noviciado com Jesus, o mestre, os discípulos entram para ceia.

QUINTA PARTE

PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS CC.14-16

O BANHO NUPCIAL EM BETÂNIA (Mc 14,3-9):

Jesus desde quando entrou em Jerusalém (C.11) cada dia após as atividades, à tarde, voltava para Betânia onde ficava para se descansar (Mc 11, 11. 19; 12,12;14,3) ou ia para Monte das Oliveiras para rezar.

Vamos hoje entrar com Jesus na casa de Betânia (Mc 14, 3-9). Apenas entra aqui, agente sente um perfume extraordinário. A identidade de qualquer flor agente distingue do seu cheiro: A paixão de Cristo inicia e termina com o perfume. No início temos o cheiro de perfume que encheu a casa de Betânia (Mc 14, 3-8) e no

final temos o cheiro de aromas que as mulheres levaram para o sepulcro (Mc 16,1). Vamos hoje permanecer na casa de Betânia. Lá, enquanto Jesus estava à mesa, uma mulher veio e derramou na cabeça de Jesus um vaso de alabastro, cheio de perfume.

No primeiro lugar, sentar-se à mesa é sinal da celebração do amor, da partilha e da comunhão. Jesus fez grandes coisas sempre estando à mesa, durante a refeição. As famílias e os amigos nos convidam para a refeição para partilhar conosco a vida, os sofrimentos e algumas vezes simplesmente para estar junto conosco. Nos conventos estar à mesa é sagrado, é o lugar da fraternidade onde cada uma se revela o que ela é e o que ela faz ou fez.

E em Casa de Betânia, Jesus também estava à mesa e o gesto que a mulher faz é interessante: dá um banho nele, um banho de perfume. Era costume entre os orientais, dar banho no noivo e na noiva antes do casamento, e isso era chamado o banho nupcial. Jesus, daqui a pouco vai entrar como um noivo para um grande casamento com a humanidade através da instituição da eucaristia e Ele recebe seu banho nupcial das mãos de uma simples mulher!

O caráter do perfume é único: não dá para ver, mas sente o cheiro dele. Não tem aparência, mas tem substancia. A vida religiosa de fato é um continuo derramar perfume - quebrando o vaso, inteiramente, sem poupar nada para si -, sobre a cabeça de Jesus que vai depois escorrer pelo resto do Corpo que é a Igreja, pelo

corpo de cada membro, visível e invisível, perto ou longe, assim "como o óleo precioso desce para a barba, a barba de Arão, e desce até a orla de seu manto" Salmos 132 .

Tinham aí alguns que não gostaram deste gesto. E Jesus: "deixei-a, por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo. Ela fez o que podia" v.8.

O BANHO NUPCIAL NA ÚLTIMA CEIA:

Se em Betânia Jesus recebeu o banho nupcial, à mesa da última ceia, Jesus dá o banho nupcial aos seus discípulos, para que sejam dignos a comer com ele, sentar junto com ele na mesma mesa, com a mesma dignidade dos irmãos (filhos do mesmo Pai). Enquanto os evangelhos sinóticos nos apresentam a Instituição da Eucaristia São João Evangelista nos apresenta no capítulo 11, a cerimonia de lava pés num contexto do amor esponsal. "Se eu não te lavar não terás parte comigo": Disse Jesus a Pedro que hesitou em deixar o Mestre lavar seus pés. (v. 8). Na verdade, é o que aconteceu conosco no Sacramento do Batismo e da Eucaristia. O batismo é o nosso banho nupcial para sentarmos com o noivo na mesa nupcial. Somos ungidos por óleo perfumado (óleo da crisma) após do Banho Batismal. Por isso ele disse: "este é meu corpo", "este é meu sangue". Tomai e comei. O corpo de Jesus e o corpo nosso se unem num só na Eucaristia, na Sagrada Comunhão. É o verdadeiro matrimonio!

O verdadeiro amor celebrado entre Deus e a humanidade e por isso chamamos a Sagrada Comunhão.

Sim, ele retirou o pobrezinho do lixo, deu-lhe o banho, para fazê-lo assentar-se com os nobres (Sl 112).

O PROBLEMA DO DINHEIRO: Nas duas mesas existiram um problema: O de dinheiro. Na casa de Betânia: Enquanto Jesus estava ungido de perfume, alguns que estavam aí presente ficaram indignados. Segundo o Evangelho de João, foi Judas que ficou perturbado (12,4) e disse: "Para que este desperdício? Poderia vender este perfume por um bom preço e dar o dinheiro aos pobres" (Mc 14, 5). E na segunda mesa, na última ceia, o problema vai surgir de novo. Judas vende Jesus para trinta moedas, preço de um escravo (Mt 26,16). De fato, logo após da narração da unção em Betânia, o evangelista Marcos fala da traição de Judas: "Judas Iscariotes, um dos Doze, foi aos chefes dos sacerdotes para entrega-lo a eles. Ao ouvi-lo, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entrega-lo (Mc 14,10-11). E continua a narração dos preparativos para a ceia pascal. E Jesus durante a refeição disse: "em verdade vos digo: Um de vós que come comigo há de me entregar" (Mc 14, 18)

Quantas famílias, nascidas do amor, celebrada no amor após um tempo de vivencia, traída, vendida e dividida por causa do dinheiro! Uma vez o que era expressão de amor, talvez o desperdício por causa do amor, hoje custa de mais para se expressar. O amor tornou-se caro, custoso. Quando tem o amor, o desperdício não é desperdício, é expressão livre do amor e ninguém consegue segurar a pessoa. Quando não tem

amor tudo é um desperdício, tudo é desnecessário, tudo é perca do tempo. E enquanto comendo junto do mesmo prato pensa em traição.

Igualmente na vida religiosa: No início da nossa caminhada vocacional queremos transformar tudo em perfume suave, dando alegria a todos através serviços não medidos, orações em joelho sem importar dos sacrifícios etc. Nossos noviciados foram verdadeiramente jardim de flores variadas com cheiros próprios e suaves que só Deus sabe e ele a viu e a contemplou. Aos olhos humanos o servir sem medida poderia até parecer um desperdício, um desnecessário, mas quem amou e abraçou a vida religiosa sabe que o verdadeiro amor é sem medida.

Infelizmente assistimos muitas vocações perdidas ao longo da caminhada exatamente porque infiltrou o olhar de Judas Iscariotes (Mc fala "alguns ficaram indignados e Jo fala Judas Iscariotes): "Porque este desperdício? Poderia vende-lo por mais de trezentos denários, e os dar aos pobres". Parece que tenha a compaixão para com os pobres. Mas na verdade ele estava buscando algum meio oportuno para trair Jesus (Mc 14, 11).

A CASA ONDE CELEBRARAM A ÚLTIMA CEIA (Mc 14, 12-16): Marcos, o evangelista, apresenta para nós alguns detalhes desta casa:

"No primeiro dia dos Ázimos, em que se imolava a Páscoa, perguntaram-lhe os discípulos: Onde queres que preparemos a refeição da Páscoa? Ele enviou dois dos

seus discípulos, dizendo: Ide à cidade, e sair-vos-á ao encontro um homem, carregando um cântaro de água. Segui-o e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre pergunta: Onde está a sala em que devo comer a Páscoa com os meus discípulos? E ele vos mostrará uma grande sala no andar superior, arrumada com almofadas. Fazei ali os preparativos. Partiram os discípulos para a cidade e acharam tudo como Jesus lhes havia dito, e prepararam a Páscoa." (Mc 14, 12-16)

De quem era esta casa? Segundo a tradição era a casa de São Marcos. A mãe de João Marcos, "Maria, Miriam" era uma senhora nobre que colocava a disposição de Jesus e seus discípulos sua casa e ela era também a tia de Barnabé. Marcos e Barnabé sabemos que foram os primeiros discípulos e colaboradores da evangelização de Pedro e Paulo, segundo as informações de Atos dos Apóstolos. O homem carregando um cântaro de água provavelmente um dos tios de Marcos ou ele mesmo. E Maria, a mãe de Marcos, viúva, deve ser uma das Marias que frequentava o grupo dos discípulos. E esta casa foi também o local onde ficaram esperando para a chegada do Espirito Santo (At 1,13). Além de ser o local de Pentecostes, foi aqui que os primeiros cristãos ficaram reunidos em oração enquanto Pedro estava na prisão, e a noite, Pedro, libertado da prisão pelo anjo, vem bater na porta desta casa (Atos 12,12; Col 4,10).

E após a última ceia quando Jesus e os discípulos foram para o jardim das Oliveiras, além dos 11 discípulos tinham também alguns outros e provavelmente entre estes

o jovem Marcos também. E quando Judas chegou com a companhia dos malfeitores com espada e pau e prenderam Jesus, narra o evangelista Marcos:

"Então todos o abandonaram e fugiram. Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu" (Mc 14, 50-52). Provavelmente Marcos estava na sua casa durante a última ceia. O rapaz com sono foi dormir, mas ficou curioso, meio acordado, vendo e escutando os gestos e as palavras de Jesus e de seus discípulos, que eram amigos da mãe e, após a ceia, os seguiu até ao jardim. E Marcos tem a memória viva para narrar este episódio com muita propriedade e com detalhes de seus sentimentos íntimos.

Assim a casa de Marcos foi o primeiro lugar onde Jesus celebrou a eucaristia, onde no dia de Pentecostes desceu o Espírito Santo, onde os primeiros cristãos se refugiavam. Assim Marcos tem a memória viva para deixar escrito com maior propriedade o primeiro Evangelho.

BEIJO E TRAIÇÃO Mc 14, 19-20. 43-46: Sentado com os Doze à mesa, Jesus disse: "Em verdade vos digo: um de vós que come comigo me há de entregar. Começaram a entristecer-se e a perguntar-lhe, um após outro: Porventura sou eu? Respondeu-lhes ele: É um dos Doze, que se serve comigo do mesmo prato."

Segundo o evangelho de Mateus, Judas mesmo faz a pergunta: "Mestre, serei eu?" como se nada tivesse acontecido (Mt 25,26). Na verdade, ele já tinha recebido

o dinheiro da mão dos sumos sacerdotes e estava procurando uma oportunidade de entregá-lo (Mc 14,11). Mas faz o inocente diante de todos! Lavar-se a mão, fazendo-se o inocente é a lógica de Judas e a lógica de Pilatos (Mt 27,24), assumir e abraçar é a lógica de Cristo (Jo10,17).

Os Evangelhos Sinóticos não falam a que horas Judas saiu do refeitório ou da companhia dos Doze para entregar Jesus aos judeus. O Evangelista São João fala bem detalhadamente:

"Logo que ele o engoliu, Satanás entrou nele. Jesus disse-lhe, então: O que queres fazer, faze-o depressa. Mas ninguém dos que estavam à mesa soube por que motivo lho dissera. Pois, como Judas tinha a bolsa, pensavam alguns que Jesus lhe falava: Compra aquilo de que temos necessidade para a festa. Ou: Dá alguma coisa aos pobres. Tendo Judas recebido o bocado de pão, apressou-se em sair. E era noite..." (Jo 13, 27-30)

Judas se era o ecônomo dos Doze, significa que era a pessoa de confiança. Ele, que na verdade, igual aos outros, foi amado e escolhido por Jesus, foi aquele que comeu do mesmo prato com Jesus, aquele que acompanhou Jesus há muito tempo, escutando até os respiros do Mestre, e de repente, mudou completamente e o traiu entregando-o aos sumos sacerdotes.

Jesus estava no jardim de Getsêmani com os discípulos rezando, suando sangue e, de repente, “chega Judas, com uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos sacerdotes, escribas e anciãos. O seu traidor

dera-lhe uma senha dizendo: “é aquele que eu beijar. Prendei-o e levai-o bem guardado. Tão logo chegou, aproximando-se dele, disse: Rabi! E o beijou. Eles lançaram sobre ele e o prenderam” (Mc 14, 43-47).

É verdade que atrás daquele beijo existia uma grande traição! Quantos ainda hoje fazem esta mesma experiência! Esquecer de um caminho longo de amor, de entrega e de confiança e de repente, os gestos do abraço e do beijo tornam-se lugar da traição, lugar de nojo e de afastamento! Até o ver o outro ou a outra torna-se insuportável. Esquecer completamente toda uma história do amor, do sacrifício! E ainda, quantos se sintam o que sentiu Jesus naquele momento: ser traído, ser entregue nas mãos dos inimigos, ser sujeito às críticas e julgamentos dos vizinhos, parentes e amigos!

A NEGAÇÃO DE PEDRO - PEDRO SEGUE JESUS DE LONGE (Mc 14, 26-31.66-72): A paixão de Jesus nos mostra a identidade de Pedro (nele a de cada discípulo missionário) antes da Páscoa. (Mc 14, 26-31.66-72) Jesus escolheu os Apóstolos para ficarem em sua companhia (Mc 3,13). E após as refeições da Última Ceia, Jesus disse: “"Vós todos vos escandalizareis, pois está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas (Zc 13,7) Na verdade, Jesus na última ceia, não somente predisse a traição de Judas, mas também dos outros discípulos assim como também de Pedro. E Pedro lhe respondeu: Ainda que todos se escandalizem de ti, eu, porém, nunca! Jesus disse-lhe: Em verdade te digo: hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás

negado. Mas Pedro repetia com maior ardor: Ainda que seja preciso morrer contigo, não te renegarei. E todos disseram o mesmo." Mc 14, 27-31.

Hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado (Mc 14, 30): Hoje indica o dia em corso: Para os judeus o dia começa com o pôr do sol. Então a noite que está em corso já é hoje e o primeiro canto de galo é por volta das 3.00 hs de madrugada e a segunda por volta das 5.00hs da manhã.

Mas Pedro repetia com maior ardor: Ainda que seja preciso morrer contigo, não te renegarei. E todos disseram o mesmo: A perseverança na fé não depende da nossa boa vontade. Precisa da graça de Deus.

E depois de tudo isso, já no jardim das oliveiras, igual aos outros Pedro também fugiu (Mc 14, 50). E segundo o Evangelista Lucas, Pedro estava seguindo Jesus de longe para saber o que estava acontecendo com ele (LC 22, 54) . De repente uma mulher fixando os olhos nele: “também tu estavas com Jesus” (Mc 14, 66-72.) Três vezes falou assim com ele e na terceira vez falou até: “Sim, tu és daqueles, teu modo de falar te dá a conhecer” (segundo Mt 26.73).

Em Marcos a mulher faz a pergunta identificando-o cada vez mais com maiores detalhes:

1ª: "também tu estavas com Jesus de Nazaré."

2ª :"Este faz parte do grupo deles"

3ª: "Certamente tu és daqueles, pois és galileu.

E a resposta de Pedro:1ª: "Não sei, nem compreendo o que dizes."

2ª: "Mas Pedro negou outra vez."
3ª: "Então ele começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais."
A diferencia de Judas, Pedro lembrou-se da Palavra de Jesus e rompeu em choros (Mc 14, 72b).
Sobre o suicídio de Judas somente Mateus faz a referência (Mt 27 1-10).

Muitas vezes acontece isso conosco. Seguimos Cristo, mas de longe. Pode até parecer do nosso modo de falar, de vestir-se, de agir que somos Cristãos, pertencemos a Igreja católica, à vida religiosa etc. Mas quando devemos enfrentar algo sério que custa um testemunho maior, como será a nossa resposta! Quantas vezes preferimos ficar junto com outros nos nossos bancos e não arregaçar as mangas para assumir compromissos sérios? Quantas vezes desistimos de fazer um bem por medo das críticas e dos julgamentos dos outros? Assumir a nossa identidade contém consequências ulteriores.

Ao contrário de Pedro, Jesus, diante da pergunta de Pilatos "És o Rei dos judeus?" sem ter medo das consequências respondeu "sim" (Mc 15,1-15). Ele não quis esconder nem mentir da sua identidade e da sua vocação diante de Pilatos e daqueles malfeitores.

Os amigos, na hora da suprema angustia: Jesus escolheu os Doze. E entre eles ainda os três: Pedro, Tiago e João, para estar em companhia dele especialmente nos momentos importantes e íntimos da sua vida, como na ressurreição da filha de Jairo, no Monte Tabor, no Jardim

das Oliveiras, etc. Jesus confiou neles, mas não teve um retorno imediato. No jardim das Oliveiras, seus olhos estavam tão pesados (Mc 14,39-40) e estavam dormindo tempo todo, deixando prevalecer a fragilidade do corpo. Jesus tem um certo desgosto disso. Após de três vezes chamar eles, ao final disse: "Levantai-vos e vamos! Aproxima-se o que me há de entregar" Ainda que Jesus sabe que eles vão fugir daqui a pouco, Jesus lhes chama: levantai-vos e vamos.

Todos nós sentimos a necessidade de alguém perto de nós nas horas difíceis da vida, pessoas com quem eu confiei, pessoas com quem compartilhei, pessoas que me compreende e que me ama de verdade. Mas na ausência delas (especialmente nos dias dos nossos envelhecimentos e doenças), lembremos da experiência de Jesus! Tendo ao lado dele os seus "amigos", não conseguiram fazer presente, não conseguiram dar o ombro deles. Farão tudo isso com muito vigor após a ressurreição.

NO CALVÁRIO: Mc 15, 21-41. Mc narra o evento mais importante da história da salvação em modo sóbrio e lapidário:

v.21: Jesus indo para Calvário carregando a cruz: o lugar da crucificação era fora da cidade de Jerusalém, segundo a regra romana e hebraica para os que eram malfeitores (Hb 13, 12). O condenado deveria carregar a parte horizontal da cruz (o patíbulo) e aquela parte vertical estava já fixo em precedência no lugar da execução.

Como Jesus estava cansado e acabado de tantas flagelações e maltrates, chama o Simão , um judeu de diáspora que chegou a morar em Jerusalém e vem constringido de ajudar Jesus.

v.23: Deram-lhe de beber vinho misturado com mirra: era uma bebida anestésica dada aos condenados à morte para não sentir muita dor. Jesus não o aceitou. Jesus quis sofrer todas as dores até ao fundo com plena consciência (Ref. Salmo 69,22).

Segundo Mc (15,33) Jesus ficou na cruz da hora sesta (12.00hs) à hora nona (15hs) e morre na hora nona : Ao meio dia, na hora da plena luz, o mundo envolto de escuridão. A morte de Jesus assim tornou o dia do Senhor (Amos 8,9), dia escatológico.

E o véu do santuário rasgou-se de alto a baixo em duas partes: simboliza o fim do culto judaico (refr. Mc11, 17; 13,2), a inauguração da Nova Aliança e a plenitude da auto revelação de Deus.

V. 39: O CENTURIÃO, ao ver que ele tinha expirado disse: " este homem era realmente o Filho de Deus" . Assim como a cura do cego Bartimeu (Mc 8,22-26) preparou a Confissão de Pedro (8,29) assim aqui o rompimento do véu do Templo prepara a confissão de Centurião. A morte de Jesus abriu os olhos, os ouvidos e a boca do centurião em modo que, o que para os sumos sacerdotes era um escândalo para um pagão tornou-se a confissão da sua fé. É o ponto de chegada do Evangelho. O silencio messiânico vem rompido em forma solene pela boca de um pagão: Quem é Jesus? O Filho de Deus! Este

era verdadeiramente o Filho de Deus. Nós não acreditamos ou atrasamos em acreditar, mas verdadeiramente ele é o Filho de Deus! É o kerigma apostólico: aquele que nós matamos, é verdadeiramente o Filho de Deus!

O SEPULTAMENTO DE JESUS (MC 15, 42-47): Os detalhes de sepultamento faziam parte do anuncio da Páscoa, pois se Jesus fosse sepultado igual aos outros malfeitores o destino era: ou (segundo os costumes romanos) ficava lá na cruz até que o corpo vem decomposto sozinho ou vítima da comida dos Alves ou (segundo os judeus), era jogado na fossa comum e isso no mesmo dia antes de chegar a noite para não contaminar a cidade (Dt 21, 23). O sepultamento de Jesus foi, diferente dos outros condenados, solene e digno, num local definido, verificado e confirmado por Pilatos, pelo Oficial romano e pelas mulheres e tudo isso abre a porta para narração da ressurreição de Jesus. José de Arimatéia (era um judeu, ilustre membro do Conselho) que foi sepultar Jesus, vai até a Pilatos pedindo o corpo de Jesus. Pilatos se admira da morte de Jesus tão rápida: pois geralmente para alguns dias o condenado ficava na cruz e era muito lenta a morte na cruz. E ele chamando o centurião faz a pesquisa para confirmar da sua morte. José vai comprar um pano de linho (detalhes que vão comprovar depois a ressurreição), envolve o corpo de Jesus num pano (de linho, pano apropriado que usava para paramentos litúrgicos) e depositou-o num sepulcro escavado na rocha, rolando uma pedra para fechar a entrada. As

Marias estavam observando tudo isso (sabiam o local exato onde foi sepultado), enquanto os discípulos todos fugiram! Estes detalhes que vão dar continuidade e confirmação para narração da ressurreição.

AS MULHERES AO SEPULCRO 16,1-8: Segundo a maioria dos Exegetas o Evangelho de Marcos termina aqui. Os versículos seguintes (vv.9-20) seriam uma ajunta posterior, redacional. O ponto central do Evangelho é o versículo 6. "É ressuscitou, não está aqui". A morte, a ressurreição e a aparição fazem parte essencial do kérigma apostólico.

A ressurreição de Jesus não é verificável ou demonstrável, é puramente um ato de fé. De fato, trata-se de um evento que transcende o mundo fenomênico. Por isso é importante a presença angélica que anuncia a ressurreição. Todos os quatro evangelistas falam do túmulo vazio onde os anjos ocupam o lugar para o anuncio. O jovem anjo está sentado à direita no túmulo (sentado= símbolo da autoridade; à direita=sinal do bom auspício, anúncio da boa notícia). No anúncio do anjo, antes que as mulheres pronunciassem uma palavra, o anjo já expressa do medo das mulheres e também o porquê da sua visita aí: Não tenhais medo. Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele ressuscitou, já não está aqui.."(Mc 16, 5-7).

NÃO ESTÁ AQUI: não pertence mais à dimensão terrena! O morto não está mais aqui. O crucifixo já ressuscitou. O agir humano já foi engolido pelo agir

divino! É inútil a procura de um morto, ou fixa-lo num túmulo.

O anjo agora confia às mulheres o anuncio pascal aos discípulos: “Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galiléia. Lá o vereis como vos disse”(Mc 16,7). Eram dispersos, fugiram diante da morte do mestre. Agora o anjo está servindo das mulheres para reunir de novo os amigos dispersos. Os discípulos, aqueles que o negaram e fugiram dele, precisam renovar a sua fé para tornarem-se anunciadores e testemunhas do seu Mestre, o Cristo ressuscitado.

As mulheres voltam para casa “trêmulas e amedrontadas. E a ninguém disseram coisa alguma por causa do medo” (Mc 16, 8): parece estranha esta conclusão de Marcos, mas está em perfeita sintonia com a teologia do segredo messiânico que o Evangelista conserva até ao final. Diante da experiência divina, no final da conta, a atitude humana é silêncio, é contemplação, é experiência de tremor!

“ELE VOS PRECEDE NA GALILÉIA” v. 7: A fé é dom de Deus, e é professada independente da raça, cultura ou proveniência. E por isso Jesus ressuscitado vai ser visto pelos discípulos longe do contexto do judaísmo, longe de Jerusalém, longe dos oficiais, na simples Galileia do povo onde vão reconhecer que Jesus é o senhor da história. Ele, agora o ressuscitado, senhor do tempo e do espaço, é capaz de nos preceder em qualquer canto do mundo.

Mc 16, 9-18 é um perícope redacional que conclui em síntese várias aparições do ressuscitado. Tem uma

narração gradual de três aparições, onde a aparição aos Onze parece mais importante. Serão eles as testemunhas oculares para anunciar o Evangelho aos gentis.

O texto é estruturado em três aparições: à Madalena, aos dois discípulos que estão indo para o campo e aos Onze (vv.9-14).

A aparição à Madalena vv. 9-11: mostra a incredulidade dos apóstolos que não deram mínima importância às palavras de uma mulher: "não quiseram acreditar".

A aparição aos dois que iam para campo vv.12-13: O testemunho deles também não foi acolhido pelos demais discípulos. O aparecer de Jesus sob outra forma mostra a dimensão escatológica. Jesus ressuscitado pertence a outra dimensão e que precisa a fé para enxergar Ele além da aparência.

A aparição aos Onze v. 14: é decisiva para pôr fim a incredulidade dos discípulos. Quando estavam à mesa sentados, no convívio fraterno que enxergaram Jesus. Lá na mesa (embora receberam uma pequena puxada de orelho pela incredulidade deles) receberam o envio. Ele estará ao lado dos apóstolos durante a sua missão. Aqui o discurso missionário articula-se em três partes: o envio dos discípulos (v. 16)

O efeito das missões (v. 16)

Os sinais dos milagres que irão acompanhar os crentes (v.17-18). Os verbos "partir" (Ide), "pregar" e "a cada criatura" são expressões da missão universal da Igreja. A pregação vai ter como primeiro efeito a adesão à fé que

depois deve ser confirmado com o Batismo para obter a salvação eterna. “Quem não crê será condenado”. A salvação depende da adesão ou não adesão ao Evangelho. A pregação dos apóstolos era acompanhada pelos milagres.

Ascensão (Mc 16, 19-20): Parece que, no Evangelho de Marcos, tudo aconteceu em Jerusalém no mesmo dia, assim como narra São Lucas (no mesmo dia da ressurreição a ascensão também) . Mas Jesus ressuscitado permanece eternamente acompanhando a Igreja, nos seus ensinamentos, nas suas obras. “O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam (Mc 16, 20).

O Evangelho conclui dizendo que Jesus ressuscitado está conosco, com sua Igreja até quando ela anuncia e testemunha o Ressuscitado.